



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**PROPOSTA DE REGRAS ORTOGRÁFICAS PARA A ELIS:
CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

JACKELINE GOULART DE OLIVEIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**BRASÍLIA/DF
JUNHO/2019**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**PROPOSTA DE REGRAS ORTOGRÁFICAS PARA A ELIS: CONSIDERAÇÕES
INICIAIS**

JACKELINE GOULART DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. RENÉ GOTTLIEB STREHLER

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA/DF
JUNHO/2019

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

OLIVEIRA, Jackeline Goulart. **Proposta de regras ortográficas para a ELiS: considerações iniciais.** Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2019, 83 f. Dissertação de mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Oliveira, Jackeline Goulart de

Proposta de regras ortográficas para a ELiS: considerações iniciais / Jackeline Goulart de Oliveira; orientador René Gottlieb Strehler -- Brasília, 2019.

83 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. ELiS. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Regras ortográficas. I. Strehler, René Gottlieb, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**PROPOSTA DE REGRAS ORTOGRÁFICAS PARA A ELIS: CONSIDERAÇÕES
INICIAIS**

JACKELINE GOULART DE OLIVEIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

APROVADA POR:

PROF. DR. RENÉ GOTTLIEB STREHLER (PosTrad/UnB)
(ORIENTADOR)

PROF. DR. ECLAIR ANTÔNIO ALMEIDA FILHO (PosTrad/UnB)

PROF^ª. DR^ª. MARIÂNGELA ESTELITA BARROS (UFG)

BRASÍLIA/DF, 28 de junho de 2019

À comunidade surda, aos apaixonados pela ELiS e todos aqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre essa escrita.

AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e fortaleza da minha vida;

A minha Mãe Maria Santíssima, por nunca me permitir desistir de sonhar;

Ao Espírito Santo, por sempre me conduzir;

A minha família pelo amor, paciência e apoio;

Minha mãe Shirley Goulart, meu pai Diomiro Alves e minha irmã Thamiris;

Vocês são minha fonte de inspiração;

A Adelaine Garcia, por me aproximar mais de Deus nos momentos de aflição;

Ao padre Rodrigo Lacerda por me moldar segundo a vontade de Deus;

À família Toque Santo por me acolher e fazer florescer em mim essa sede insaciável por
Cristo;

A todos aqueles apaixonados pela ELiS que me inspiraram neste trabalho;

De modo especial aos que me auxiliaram na tradução da fábula:

Guilherme Gonçalves, Leandro Andrade, Leandro Viana,

Nyce Marcely, Rayan Soares e Thaysa dos Anjos;

Ao meu orientador Prof. Dr. René Gottlieb Strehler, pelo carinho e confiança;

A minha sempre Prof.^a Dr.^a Mariângela Estelita Barros por me apresentar essa escrita
apaixonante;

Ao Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho por aceitar fazer parte dessa banca e contribuir
com esse trabalho;

Aos meus amigos pela compreensão e orações;

E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho;

Meus sinceros agradecimentos...

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Luís Vaz de Camões

RESUMO

Este estudo tem por objetivo identificar e teorizar as regras gramaticais da ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), visando facilitar seu processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, por meio das regras gramaticais é possível propor a padronização na forma de escrita das palavras e, com isso, facilitar o processamento mental de leitura e escrita de seus usuários. Para alcançar nosso objetivo, propomos formar um corpus com sinais de uso cotidiano e que possam ser utilizados posteriormente para o ensino da Libras (língua brasileira de sinais) /ELiS. Por esse motivo, optamos por traduzir algum material de estudo e selecionamos para este fim a fábula “*A corrida de sapinhos*”, de autoria de Monteiro Lobato. Escolhemos esta fábula devido a sua popularidade e por ter como protagonista um sapinho surdo, fatores esses que possibilitariam o uso de falas cotidianas e de elementos da cultura surda durante nossa tradução. Após a tradução da fábula, tivemos como principal fonte de pesquisa dos sinais utilizados, a 3ª edição do Novo DEIT-Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2013). Para nossa análise, elencamos os sinais utilizados na tradução da fábula e relacionamos com as imagens utilizadas para representação dos mesmos no dicionário e com a descrição apresentada nos verbetes correspondentes. Como base teórica para elencar propostas de padronização para a ELiS, utilizamos as regras grafotáticas apresentadas por Barros (2015), as análises dos sinais com mão de apoio realizada por Camargo (2017), além de nos amparar em diversas pesquisas em dicionários de Libras online e em experiências pessoais. Como resultado, propomos a criação da regra da “anatomia do polegar”, que equivale a escrever o polegar na horizontal (–) nos sinais em que este aparece em posição de repouso; a “regra da mão em contato”, que consiste em escrever os demais dedos unidos (†) nos casos em que a(s) mão(s) esteja(m) aberta(s) e haja contato com alguma parte do corpo - elencamos ainda as possíveis exceções a essa regra. Enfatizamos aqui a importância de pesquisas como esta, para que as regras existentes na ELiS sejam validadas e novas regras sejam propostas a fim de eliminar as variações que ainda circundam essa escrita.

Palavras-chave: ELiS. Ensino-aprendizagem. Regras ortográficas.

ABSTRACT

The study aims to identify and theorize ELiS' (Written Sign Language) grammatical rules, aiming to facilitate its teaching-learning process, since, through these grammatical rules it is possible to suggest the standardization in the written form of the words and, through this, ease the mental process of reading and writing of its users. To reach this goal, we suggest to make up the corpus with daily signs which can be subsequently used to the teaching of Libras (Brazilian Sign Language) /ELiS. For this reason we opted to translate some studying material and selected for this purpose the fable “*A corrida dos sapinhos*” (A Story of a Little Frog) by Monteiro Lobato. We chose this fable because of its popularity and because it has as a main character a deaf frog, these reasons enable the use of daily speeches and elements of the deaf culture during our translation. After the fable's translation, we had as the main source to research the sign which were used, the third edition of Novo DEIT-Libras (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2013). For our analysis, we selected the signs used in the fable's translation and related with the images used to represent them in the dictionary and with the discrimination shown in the corresponding entries. As theoretical background, to list suggestions to the standardization of ELiS we used the basic rules submitted by Barros (2015), the analysis of the signs with the supporting hand made by Camargo (2017), besides supporting in various researches on the online dictionary of Libras and personal experiences. As a result, we suggested the creation of the “thumb anatomy” rule, which equals to write the thumb in the horizontal (–) in the signs in which it appears on rest position; the “hand in contact rule”, which consists on writing the other fingers together (†) in the cases in which the hand is open and there is contact with some part of the body - we even listed some possible exceptions to this rule. We emphasize here the relevance of researches such as this, so that the existing ELiS rules are validated and that new ones are submitted to eliminate the variation that still circles this writing.

Key Words: ELiS. Teaching-learning. Orthographic rules.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Verbete “sapo”	41; 46
Figura 2 – Verbete “querer”	43
Figura 3 – Verbete “acontecer”	44
Figura 4 – Verbete “começar”	47
Figura 5 – Verbete “perguntar”	48
Figura 6 – Verbete “negativo”	49
Figura 7 – Verbete “calmo”	49
Figura 8 – Verbete “aconselhar”	50
Figura 9 – Verbete “saber 1”	51
Figura 10 – Verbete “saber 2”	51
Figura 11 – Verbete “nada”	52
Figura 12 – Verbete “coragem”	52
Figura 13 – Verbete “descobrir”	53
Figura 14 – Verbete “boquiaberto 1”	55
Figura 15 – Verbete “boquiaberto 2”	55
Figura 16 – Verbete “todo(a)”	56
Figura 17 – Verbete “passado”	57
Figura 18 – Verbete “mas 2”	58
Figura 19 – Verbete “morro”	58
Figura 20 – Verbete “campeonato”	59
Figura 21 – Verbete “mas 1”	60

Figura 22 – Verbete “coisas”	60
Figura 23 – Verbete “precisar”	61
Figura 24 – Verbete “como”	62
Figura 25 – Verbete “esforçar-se”	63
Figura 26 – Verbete “torcer”	63
Figura 27 – Verbete “fim”	64
Figura 28 – Verbete “fazer”	64
Figura 29 – Verbete “vencer”	65
Figura 30 – Verbete “surdo”	67
Figura 31 – Verbete “desistir”	67
Figura 32 – Verbete “difícil”	68
Figura 33 – Verbete “pessoa”	69
Figura 34 – Verbete “gritar”	70
Figura 35 – Verbete “falar”	70
Figura 36 – Verbete “conseguir”	71
Figura 37 – Verbete “não conseguir 1”	71
Figura 38 – Verbete “não conseguir 2”	72
Figura 39 – Verbete “outro”	72
Figura 40 – Verbete “algum”	73
Figura 41 – Verbete “se”	73
Figura 42 – Verbete “continuar”	74
Figura 43 – Verbete “você”	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD – Configuração de dedos

CM – Configuração de mãos

ELiS – Escrita das Línguas de Sinais

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LO – Língua oral

LS – Língua de sinais

Novo DEIT-Libras – Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue

OP – Orientação da palma

PA – Ponto de articulação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	17
EMBASAMENTO TEÓRICO	17
1.1 A IMPERFEIÇÃO DA ESCRITA E A ADAPTABILIDADE DOS ALFABETOS ÀS DIVERSAS LÍNGUAS.....	17
1.2 ORTOGRAFIA: UM MEIO DE PADRONIZAR A ESCRITA.....	23
1.3 BREVE HISTÓRICO DAS PROPOSTAS DE ESCRITAS PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS.....	27
1.4 REGRAS BÁSICAS DA ELIS.....	28
CAPÍTULO 2	39
METODOLOGIA	39
CAPÍTULO 3	43
PROPOSTAS INICIAIS DE REGRAS ORTOGRÁFICAS PARA A ELIS	43
3.1 ANATOMIA DO POLEGAR E REGRA DA MÃO EM CONTATO.....	44
3.2 O USO DA ELIS NOS DIVERSOS TIPOS DE SINAIS.....	59
3.3 TRADUÇÃO DA FÁBULA.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Sim, aquela primeira aula do ensino médio na escola nova marcou minha vida. Queria eu poder dizer que essa realidade não faz parte dos dias atuais, mas, naquela época também faltavam intérpretes de Libras nas escolas. Por esse motivo, entraram 14 novos alunos em minha turma que chegaram com o “privilégio” de sentar nas primeiras carteiras e ficavam o tempo todo mexendo as mãos e trocando olhares. Fiquei impressionada. Ali iniciei meu contato com a língua brasileira de sinais (Libras) e mergulhei na cultura surda.

Minhas primeiras conversas foram por meio da escrita em português e, naturalmente, comecei a aprender os sinais com os surdos que me apontavam as palavras escritas e me ensinavam os sinais correspondentes. Logo procurei um curso de Libras e, posteriormente, ingressei no curso de licenciatura em Letras: Libras da UFG. Quando ingressei no curso, passei a ver a Libras não apenas como uma língua “apaixonante”, que me possibilitou saber histórias incríveis de luta e superação e a aprender o verdadeiro significado da palavra empatia, mas, também, como uma língua estruturada, com regras gramaticais próprias, assim como qualquer outra língua.

Durante o curso tive a oportunidade de aprender as teorias que envolvem o ensino, a aprendizagem, a aceitação social e cultural de uma língua além dos estudos linguísticos que envolvem a Libras. Também foi durante esse curso que pude ter meu primeiro contato com a ELiS, que é um sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais.

O contato com a ELiS me provocou uma curiosidade insaciável, sentimento semelhante àquele do primeiro dia de aula no ensino médio. Durante o aprendizado dessa escrita, sempre testei suas possibilidades e me interessei por investigar aquilo que ainda não era abarcado por ela. Esses questionamentos me levaram a investigar a escrita de classificadores em ELiS durante o meu TCC, pois sabia que esse era um grupo de morfemas extremamente importante para as línguas de sinais e, como tal, precisava ser registrado por meio da ELiS.

Simultaneamente à minha pesquisa de TCC, realizamos o projeto DEIT-Libras em ELiS, sob a coordenação da linguista Mariângela Estelita Barros (criadora da ELiS). Este projeto consistiu na tradução dos sinais presentes na 3ª edição do Novo DEIT-Libras (Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue) organizado por Capovilla, Raphael e Maurício

(2013). No decorrer deste projeto, iniciaram as discussões acerca das regras ortográficas que norteiam a ELiS, principalmente em relação a algumas nomenclaturas apresentadas no dicionário, como o termo “mão aberta” que discutiremos ao longo deste trabalho.

Os questionamentos sobre as regras da ELiS me conduziram a investigar, de forma mais profunda, as possíveis necessidades dessa escrita e como as mesmas poderiam ser supridas. Assim, iniciamos essa pesquisa que tem por principal objetivo identificar e teorizar as regras ortográficas da ELiS. Para alcançar o objetivo proposto, optamos por formar um corpus com sinais utilizados diariamente e, para este fim, selecionamos a fábula “*A corrida de sapinhos*”, de autoria de Monteiro Lobato. Essa fábula foi escolhida devido às falas cotidianas utilizadas em seu contexto e por possibilitar que nossa tradução seja posteriormente usada como material didático.

Utilizamos como principal fonte de pesquisa a 3ª edição do Novo DEIT-Libras. Os sinais utilizados em nossa tradução foram analisados tendo por base este renomado dicionário, respeitando as regras grafotáticas apresentadas por Barros (2015) e as análises dos sinais com mão de apoio realizada por Camargo (2017). Posteriormente, avaliamos se essas regras eram suficientes para a padronização dessa escrita e propusemos novas regras nos casos em que as mesmas não foram suficientes.

Diante disso, organizamos este trabalho em três capítulos estruturados de forma a abranger o aporte teórico, a metodologia e os resultados desta pesquisa. Assim, no capítulo 1, apresentamos o embasamento teórico em que se fundamentou nossa pesquisa. Este capítulo foi dividido em três seções. Na primeira seção levantamos discussões referentes à relação entre fala e escrita, o processamento mental de leitura e escrita e apresentamos um breve histórico da evolução da escrita até sua fase alfabética. Na segunda parte, suscitamos questões acerca da ortografia e sua função enquanto meio de padronização da escrita. Por fim, nos debruçamos sobre a ELiS e as regras básicas que a compõem.

No capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos que conduziram nossa pesquisa, como foi realizada a construção de nosso corpus e como este foi analisado. Apresentamos a 3ª edição do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua brasileira de sinais – Libras (Novo DEIT-Libras), sendo esta nossa principal fonte de pesquisa e esclarecemos como este dicionário será usado no decorrer de nossas análises.

O capítulo 3 destinou-se à análise dos dados e levantamento das propostas de regras ortográficas para a ELiS afim de alcançarmos o objetivo de nossa pesquisa de identificar e

teorizar as regras ortográficas da ELiS. Para esse fim, dividimos este capítulo em três seções. No primeiro momento apresentamos algumas regras propostas a partir de nossas análises. Em seguida, apresentamos as regras básicas da ELiS através de seu emprego nos diversos tipos de sinais. Finalmente, mostramos e explicamos nossa tradução que tem por base todas as regras elencadas neste trabalho.

Nas páginas seguintes, apresentaremos como nosso trabalho foi estruturado e os resultados obtidos com nossa pesquisa.

CAPÍTULO 1

EMBASAMENTO TEÓRICO

Apresentamos nesse capítulo, o embasamento teórico da pesquisa, sendo este o estudo bibliográfico que nos auxiliou em nossas análises. O presente capítulo está dividido em três partes. Na primeira, abordamos de modo geral os estudos acerca do surgimento da escrita e sua manifestação nos diversos alfabetos das línguas orais. Na segunda parte, investigamos a ortografia como meio de padronização da escrita e sua importância nos processos comunicativos e no ensino da escrita. Finalmente, apresentamos a estrutura básica da ELiS e as regras que a compõem, a fim de identificar os aportes teóricos que sustentam essa escrita. O objetivo do capítulo é proporcionar ao leitor a base teórica para compreensão das análises e propostas que serão apresentadas no capítulo 3.

1.1 A IMPERFEIÇÃO DA ESCRITA E A ADAPTABILIDADE DOS ALFABETOS ÀS DIVERSAS LÍNGUAS

A capacidade cognitiva inerente aos seres humanos permitiu que os mesmos desenvolvessem a linguagem e, por meio das interações comunicativas resultantes desse processo, evoluíssem social e culturalmente. Esses processos evolutivos levaram ao surgimento da fala que, segundo Janson, (2015) baseia-se na combinação de um número limitado de sons que formam um número infinito de palavras e, por sua vez, um número ilimitado de mensagens.

Além disso, as línguas humanas também permitem que várias palavras sejam combinadas numa frase. Por meio desse processo, podemos criar um número infinito de enunciados, mesmo com um pequeno número de palavras. Essa propriedade básica de nossas línguas permite a elas expressarem ideias que podem ser infinitamente complexas e sutis. O sistema não tem nenhum limite teórico quanto às mensagens que podem ser veiculadas. Em princípio, tudo pode ser dito. (JANSON, 2015, p. 18)

Alguns autores defendem que a evolução humana ocorreu por meio da tradição oral, onde os conhecimentos, costumes e experiências eram passados de geração para geração.

Outros autores, porém, afirmam que essa tradição não permitia confiabilidade, pois os discursos eram alterados ao longo dos tempos. Logo, defendem que a tradição escrita foi um passo fundamental na história da humanidade. Desse modo, a escrita passa a ser vista como um meio de fixação da linguagem e, por imobilizá-la, um registro fiel dos acontecimentos sociais, políticos e culturais dos mais variados povos.

Por ser a escrita um meio de registro da fala, ambas compartilham algumas semelhanças. Segundo Scliar-Cabral (2003, p. 28-39), tanto o sistema oral quanto o escrito são meios de comunicação, pois apresentam várias propriedades relativas ao signo linguístico, proposto por Saussure (2006), como a arbitrariedade, a linearidade e o caráter institucionalizado; são sistemas passíveis de conceituação; fazem uso de metalinguagem, como estamos fazendo com a escrita no decorrer deste trabalho; promovem a transmissão cultural; possuem funções expressivas e estéticas; garantem a produtividade por meio das articulações; possibilitam a criatividade através da construção contínua de novas informações; e a retroalimentação total.

Porém, “as relações entre fala e escrita não são óbvias” (FAYOL, 2014, p. 23). Devemos salientar que a fala é aprendida naturalmente através das interações e se desenvolve de forma espontânea, ao passo que a escrita necessita de instrução para ser aprendida, pois se trata de uma invenção. Assim, essas modalidades apresentam formas de aquisição e produção distintas. Para Scliar-Cabral (2003, p. 40-48), estes meios de comunicação ainda se diferenciam pela discriminação das unidades gráficas alfabéticas; pela inércia, que é maior na escrita uma vez que ela é permanente e, por isso, sofre um retardamento na interferência causada pelas mudanças diacrônicas; e pela ruptura espaço-temporal, uma vez que “[n]a oralidade, a produção se realiza num contexto de interações. (...) A interatividade permite ao emissor regular sua mensagem, ajustar sua forma e seu conteúdo em função das reações imediatas do interlocutor (feedback)” (FAYOL, 2014, p. 21). O mesmo não ocorre com a escrita. A inexistência de um leitor possibilita que o autor disponha de mais tempo para elaborar e alterar seu texto, podendo selecionar as palavras e tornar o discurso claro e preciso, enfatizando o “caráter descontextualizado da produção” (FAYOL, 2014, p. 23).

Não se sabe ao certo como, onde e quando a revolução da escrita começou, todavia, vários autores estimam possíveis vestígios do surgimento desta. Segundo Trindade (2006) os sinais mais arcaicos da escrita foram encontrados na antiga Mesopotâmia há de mais 5500 anos, e, de acordo com Cagliari (2009), reproduziam “números e palavras que indicavam animais, plantas e objetos de uso pessoal” (CAGLIARI, 2009, p. 11). Cagliari (2009) e Man (2002) afirmam que a escrita tenha sido inventada de forma autônoma também no Egito, na China e

na América Central. Marcuschi (2007), afirma que a escrita chegou ao ocidente há pouco mais de 2.500 anos e sua aquisição pela sociedade em massa foi praticamente ignorada nos primeiros 2.000 anos, uma vez que esta ficou restrita a poucos. Vale ressaltar que, como veremos ao longo dessa seção, todos os sistemas de escrita que dispomos hoje “surgiram de um conhecimento prévio” (CAGLIARI, 2009, p. 11) de um modelo já existente.

Fayol (2014) concebe a escrita como uma ferramenta, uma vez que esta “permite a comunicação com os outros, por meio de desenhos, gráficos, mapas, palavras, frases e textos. Também permite representar as situações – relatá-las, descrevê-las, defendê-las – em geral para um destinatário, mas também para si mesmo” (FAYOL, 2014, p. 33). Porém, para atingir o objetivo comunicativo, o código escrito deve ser compreensível para todos os seus usuários. Nesse sentido, Man (2002), defende a escrita como uma ferramenta intelectual, pois é regida por uma inteligência que permite a convenção de seus elementos com a finalidade de padronizá-los e, assim, torná-los conhecidos e compreendidos por todos os seus usuários.

Entretanto, o papel da escrita não se restringe em guardar a palavra, mas em executar o pensamento que até então se mantinha em estado de eventualidade. Assim, a escrita “disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza” (HIGOUNET, 2003, p. 10) e, ao organizá-lo, faz com que este ultrapasse o espaço e o tempo. Porém, vale ressaltar que passamos por um longo processo até chegarmos aos sistemas de escrita que dispomos atualmente e “na lenta evolução que vai dos primeiros cuneiformes mesopotâmicos aos silábicos e depois aos alfabéticos, é a prática social, em resposta às necessidades sociais, que desempenhou o papel motor” (CALVET, 2007, p. 68).

Desta forma, ocorreram vários processos evolutivos até obtermos a escrita alfabética. Para compreender esses processos, Cagliari (2009) defende que existem “dois tipos básicos de escrita: a escrita ideográfica e escrita fonográfica. A escrita ideográfica parte da representação gráfica de uma ideia, em geral, através de uma figura (pictograma)”, ao passo que “[a] escrita fonográfica parte da representação de unidades sonoras (segmentos, sílabas, etc.) que, em determinada ordem, representam os sons das palavras [...] Esse tipo de escrita só serve para uma língua, porque os sons das palavras variam de língua para língua” (CAGLIARI, 2009, p. 13 – 14).

Mesmo que esses processos evolutivos tenham sido iniciados pelos desenhos eles não foram suficientes para estabelecer a comunicação entre os membros de um povo ou de povos

distintos ao longo dos séculos. Isso se deve ao fato de o cérebro humano não processar os desenhos da mesma forma que a linguagem.

O total aproximado de 2.000 imagens separadas que podem ser armazenadas pelo cérebro humano com esforço, não é quase nada se comparado com as 50.000 palavras que a maioria das pessoas alfabetizadas consegue armazenar em quase todos os idiomas com facilidade. [...] ineficácia dos desenhos é a necessidade da escrita. (MAN, 2002, p. 24)

Assim, os pictogramas foram substituídos pelos sistemas silábicos, que tinham por objetivo representar os sons das sílabas. Esta foi uma grande transformação na evolução da escrita, uma vez que o foco do registro deixou de ser o significado visual das coisas e passou a ser a forma de expressão das palavras na língua, considerando a análise dos sons produzidos pelas mesmas. Como consequência, passamos da escrita ideográfica para fonográfica. Esta mudança provocou uma considerável redução da quantidade de caracteres necessários para formação de palavras, tornando a escrita mais econômica.

De acordo com Man (2002), existem três sistemas silábicos mais importantes: o cuneiforme, o hieroglífico e o chinês. Entretanto, mesmo com a drástica redução proporcionada pelos caracteres silábicos, esses ainda continham muitas redundâncias. Assim sendo,

a distinção entre consoantes e vogais dentro das sílabas e a notação de cada consoante por um sinal distinto levaram, depois de muitas tentativas, ao alfabeto consonantal fenício de meados do segundo milênio, o ancestral de todos os alfabetos verdadeiros, especialmente o nosso, por meio do alfabeto grego. (HIGOUNET, 2003, p. 14-15)

Apesar das diversas formas de alfabeto que dispomos atualmente, esta “foi uma ideia sem paralelo, que surgiu uma única vez e se espalhou por culturas ao longo dos séculos” (MAN, 2002, p. 18). Mas, para que isso fosse possível, foi necessário muito tempo e conhecimento para se constatar que as palavras eram constituídas por unidades menores que as sílabas e que essas unidades causavam distinção de significados. Desse modo, a ideia do alfabeto surgiu aos poucos.

Com a invenção do alfabeto fenício, vários outros povos passaram a utilizá-lo e tanto sua língua quanto sua escrita passaram a ser vistas com prestígio. Todavia, cada língua tem seus próprios sons e logo estes povos perceberam a necessidade de adaptação do alfabeto fenício para que esse comportasse os sons existentes em outras línguas. Os gregos foram responsáveis por dar o próximo salto nessa invenção. Percebendo que havia muitos sons fenícios que não apreciavam em grego e vice-versa, os gregos logo adaptaram as letras que mantinham o mesmo

padrão do fenício e criaram novas letras conforme as especificidades da língua grega. Assim, os gregos completaram a invenção do alfabeto.

O alfabeto grego exerceu tamanha influência que se fez presente em quase todos os sistemas de escrita do mundo, sendo adaptado por povos, grupos e pessoas para as mais variadas línguas. Sejong (1443), ao perceber que os caracteres da escrita chinesa não se adaptavam a língua coreana, estudou outros sistemas de escrita durante anos até conseguir criar o alfabeto Hangul, que contava com 28 letras (atualmente esse número foi reduzido para 24). Esse alfabeto foi barrado pelas tradições durante muito tempo, porém, na década de 1990 foi oficializado e é utilizado até os dias atuais por toda a Coreia. Com a praticidade do Hangul e sua adoção como escrita oficial, os níveis de analfabetismo diminuíram consideravelmente.

Constantino, sozinho ou chefiado por uma equipe, também foi responsável pela criação de um alfabeto. Por ter dificuldades em ensinar o cristianismo em eslávico, criou o alfabeto glagolítico, que contava com 40 letras e provavelmente adaptado do alfabeto grego, como supõe Man (2002). Após a morte de Constantino¹, o alfabeto glagolítico foi gradativamente substituindo pelo Cirílico, o que resultou em seu total desaparecimento. Temos ainda a escrita russa que, de acordo com Man (2002), foi criada pelos monges gregos. E, aqui na América do Sul, os portugueses e espanhóis trouxeram a escrita romana, que substituiu os hieróglifos maias. Segundo Cagliari (2009), “[o] sistema alfabético, com que escrevemos hoje, conta com cerca de 3500 anos de usos ininterrupto” (CAGLIARI, 2009, p. 89).

A vantagem do sistema alfabético sobre o ideográfico está no fato de as línguas do mundo usarem um número relativamente pequeno de sons da fala, tirados das possibilidades articulatórias do homem. Assim, a escrita que parte dos sons para transcrever a fala contará sempre com um conjunto reduzido de caracteres. (CAGLIARI, 2009, p. 89)

Logo, apesar de existirem vários alfabetos, todos eles têm um ideal comum: “captar os sons da fala por meio de um conjunto de duas ou três dúzias de sinais únicos, cada um dos quais correspondendo a um som falado” (MAN, 2002, p. 16) e, assim, possibilitar a leitura e a escrita ao longo dos séculos. Todavia, não existe equivalência de um para um entre som e símbolo. Assim, todo alfabeto é imperfeito, porém, com alguma adequação, pode se adaptar a todas as línguas, devido à sua flexibilidade.

¹ Constantino foi rebatizado como Cirilo e, mesmo que o alfabeto sucessor do glagolítico não tenha sido inventado por ele, leva seu nome como homenagem.

Desse modo, o alfabeto é um ponto de equilíbrio entre a infinita variedade de sons da fala e a capacidade de abstração destes sons por meio de um número restrito de símbolos gráficos. Portanto, seu objetivo, segundo Man (2002), é aproximar duas forças opostas: dispor de uma quantidade de símbolos que possibilitem a representação de sua língua da forma mais exata possível; e, ao mesmo tempo limitar estes símbolos para assegurar um rápido aprendizado, e escrita e leitura fáceis, uma vez que, devido ao número reduzido de elementos, há, de acordo com Scliar-Cabral (2003), uma economia evidente para o armazenamento e, portanto, para o processamento. Essa economia só é possível graças ao princípio ortográfico que todos os sistemas de escrita possuem, pois,

[s]implesmente com o princípio alfabético, a escrita reduzia-se a uma espécie de transcrição fonética: bastava ver quais os sons que ocorriam em determinada palavra, achar as letras correspondentes e escrevê-las. O resultado acabaria produzindo formas de escrita diferentes para pessoas que tinham pronúncias diferentes. [...] A escrita puramente alfabética marcaria as diferenças, mas como isso vem contra o princípio ortográfico, a solução adotada no uso social do alfabeto congelou as formas de escrita das palavras, baseando-se em pronúncias tidas como variantes da fala culta da língua. Com isso, o sistema alfabético ficou menos fonográfico do que era no ato de sua criação e mais ideográfico, conseguindo, assim, o equilíbrio entre essas duas tendências, o que é um fator importante na vida dos sistemas de escrita. (CAGLIARI, 2009, p. 41)

O ato de “congelar” as palavras permitiu que construíssemos um léxico ortográfico, a partir do armazenamento da forma das palavras em nossa memória. Assim, durante as produções de leitura e escrita, nosso cérebro acessa o léxico que está armazenado e, por meio de uma reconstituição ou de vestígios parciais dos conhecimentos ortográficos prévios, reconhece as palavras já vistas anteriormente e procura relacionar as novas palavras com as que já estão armazenadas a fim de memorizá-las. Esse processo, conforme descreve Fayol (2014), reduz o custo de memória e atenção durante a leitura e a escrita e, conseqüentemente, melhora o desempenho nessas atividades.

Desse modo, sem as regras ortográficas necessitaríamos de um custo elevado de memória e atenção, o que retardaria o desempenho, pois teríamos que decifrar palavra por palavra, e dificultaria o aprendizado de leitura e escrita. Sabendo da importância dessas regras para o estabelecimento do léxico ortográfico, destinamos a próxima seção para discussões acerca da constituição das regras ortográficas e como essas estabelecem a padronização da língua.

1.2 ORTOGRAFIA: UM MEIO DE PADRONIZAR A ESCRITA

Como vimos, o alfabeto viabiliza a escrita de diversas línguas através de um mesmo sistema, sendo necessário apenas algumas adaptações para cada língua. Porém, faz parte de sua essência a imperfeição no registro da língua, visto que se utiliza de símbolos – distintos da oralidade – que devem ser decodificados. Desse modo, fala e escrita possuem características próprias de usos da língua, mas, como afirma Marcuschi (2007), não causam oposição entre esses sistemas de símbolos.

Ao depararmos com essa analogia entre fala e escrita podemos nos indagar sobre o “por que não escrever da mesma forma que pronunciamos? ” (MORAIS, 2000, p.11). Esse questionamento surge por muitos pensarem que seria mais fácil se todos escrevessem as palavras da mesma forma que elas são pronunciadas. Porém, na língua oral contamos com diversas formas de se pronunciar uma mesma palavra. Essa variação advém da época, da região, da faixa etária, das condições socioculturais a que um indivíduo está exposto, dentre vários outros fatores que podem influenciar nas produções individuais ou coletivas dos sujeitos. De acordo com Morais (2001), a fala admite esse tipo de variação e as mesmas não podem ser taxadas como “certas” ou “erradas”.

Todavia, no que diz respeito à escrita, essas variações não são possíveis, uma vez que seu objetivo é tornar a mensagem da comunicação eficiente, de modo que o leitor consiga compreendê-la. Caso as palavras fossem escritas conforme o idioleto ou o dialeto de cada grupo, teríamos diversas formas escritas para uma mesma palavra, o que resultaria em um obstáculo não só na comunicação, como também no processo de ensino e aprendizagem da escrita. Além disso, devemos ressaltar que, como evidenciado na seção anterior, faz parte da natureza da escrita a imperfeição no registro do som, visto que “não há uma perfeita correspondência entre letra e fonema” (VIEIRA, 2003, p. 75), o que distancia a fala da escrita. Isso ocorre pois

[a] língua escrita é mais homogênea, a língua falada é heterogênea. Por resistir mais ao tempo, a escrita tende a ser mais conservadora, menos flexível, não admite mudanças. Segue normas ideais da sociedade. A língua falada, por sua vez, é mais inovadora, adapta-se às mudanças socioculturais com mais rapidez. Por isso ocorre uma defasagem (VIEIRA, 2003, p. 77).

Devido a essa defasagem, é difícil para qualquer sistema gráfico promover uma equivalência exata entre a letra e o som. Atualmente, o alfabeto fonético internacional (AFI) se propõe a fazer essa aproximação. Porém, mesmo tendo essa finalidade e dispondo de quase dez

vezes mais símbolos que o nosso alfabeto, ele não consegue fazer uma perfeita equivalência. O AFI é altamente seletivo, uma vez que “o leque de ruídos que os humanos conseguem emitir ao falar forma um espectro que pode ser dividido infinitamente. Os símbolos do AFI são pouco mais do que um vestígio do leque total de sons possíveis” (MAN, 2002, p. 95).

Nos outros sistemas essas correspondências são sempre imperfeitas, pois, segundo Vieira (2003), estão sujeitas a processos históricos e à tradição. Desse modo, a relação entre letra e som se estabelece por meio de convenção, uma vez que “a escrita não é uma tradução regular e biunívoca de sons em letras” (MORAIS, 2001, p. 68), isso porque “a letra é uma figura cujos limites são bem definidos. Ela constitui a menor unidade segmental ortográfica. [...] O mesmo não podemos dizer do fone. Impossível estabelecer exatamente os seus limites, quer acústicos, quer articulatórios” (SILVA, 1993, p. 25). Assim, os sons da fala são mais amplos ao passo que a escrita não engloba todos os seus registros.

Essas constatações nos levam a outra questão levantada por Calvet: “como transcrever uma palavra pronunciada de diferentes formas pelo território de maneira que todos a reconheçam? (CALVET, 2007, p. 68) ou ainda, como indaga Morais: “qual forma de pronunciar tomaríamos como modelo?” (MORAIS, 2000, p. 12). Como vimos, vários fatores influenciam na forma de se pronunciar uma mesma palavra pelos diversos usuários de uma língua e não podemos julgar qual seria a maneira “correta” de determinada pronúncia. Graças à ortografia, temos uma convenção que regulariza a forma que as palavras devem ser escritas. Desse modo, “se não houvesse uma ortografia, cada um registraria o seu modo de falar. E os leitores de suas mensagens sofreriam muito, tendo que ‘decifrar’ a intenção dos dois autores” (MORAIS, 2001, p. 19).

Mas, o que vem a ser ortografia? Segundo o dicionário Aurélio, ortografia é a “[p]arte da gramática que ensina a escrever corretamente as palavras” (AURÉLIO, 1986, p. 1235), sendo essa a mesma definição encontrada no dicionário online de português. O dicionário Houaiss nos apresenta uma definição mais detalhada, como um

conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções, etc. o estudo das regras (HOUAISS, 2015, p. 2849).

Percebemos assim que a ortografia assume um papel normatizador da escrita que, segundo Morais (2000, p. 8) “é um tipo de saber resultante de uma conversação”, portanto, a

escrita correta das palavras é definida socialmente e convencionada em prol da padronização e do entendimento de todos os seus usuários. Dessa forma,

[a] ortografia funciona assim como um recurso capaz de “cristalizar” na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta (MORAIS, 2001, p. 19).

Assim, apesar de sua natureza arbitrária, a ortografia é capaz de selecionar, entre diversas possibilidades, uma única maneira de registro para determinada palavra “sem nenhuma razão de obrigatoriedade” (MORAIS, 2000, p. 8). Dessa forma, ela se faz relevante pelo fato de possibilitar a padronização da escrita de modo que todos possam se comunicar claramente, sem que isso influencie nas particularidades linguísticas e culturais de cada pessoa ou grupo social.

Logo, essa padronização da escrita por meio da ortografia surge da necessidade de “gerar não só a escrita de palavras, mas a escrita correta de palavras” (MORAIS, 2000, p. 15), de modo que todos tenham acesso a uma forma unificada da escrita aceita e reconhecida socialmente por seus usuários. Por isso, as regras ortográficas passam por acordos sociais que as definem como “uma ‘norma’ que se arbitrou socialmente como correta” (MORAIS, 2001, p. 61).

Todavia, a ortografia nem sempre existiu. Morais (2000) usa como exemplo o português, que teve suas regras ortográficas definidas somente na primeira metade do século XX e, por ser uma língua falada em diversos países, teve sua implementação em diferentes momentos, primeiro em Portugal e depois no Brasil. Essas normas são propostas e instituídas por órgãos específicos, como as Academias de Letras, que tem por objetivo a cultura da língua em prol da unificação da escrita por meio de acordos ortográficos. Outros fatores sociais também colaboraram para a convenção de normas ortográficas, como a generalização da escolaridade obrigatória e difusão e acesso ao livro. Após a unificação da escrita, por meio da ortografia, as negligências às normas passaram a ser vistas como erro ortográfico.

Para definir um padrão ortográfico e estabelecer as regras que envolvem a escrita de uma língua, podemos utilizar os mesmos procedimentos adotados por Calvet (2007) ao definir os estágios de um planejamento linguístico. Segundo o autor, esses estágios implicam em sucessivos procedimentos de decisão, que consistem inicialmente no diagnóstico de um problema. No caso da ortografia, esse problema advém da incompatibilidade comunicativa na

escrita resultante das variações na pronúncia – ocasionadas pelos inúmeros fatores já mencionados – e das particularidades linguísticas de cada usuário da língua.

Após o diagnóstico do problema, são elencadas suas possíveis soluções. Na ortografia, podemos enumerar as diferentes formas de pronúncia para uma mesma palavra por diferentes pessoas ou grupos. Em seguida, é feita a escolha de uma das soluções. Neste momento, os órgãos específicos (Academia Brasileira de Letras, no caso do português no Brasil) analisam todas as formas encontradas e dentre elas, amparados por uma série de elementos básicos que definem o comportamento do alfabeto utilizado para registro da língua em questão, designam a norma ortográfica a ser seguida. Essa relação entre o sistema de notação alfabética e a norma ortográfica ocorre pelo fato de que “a norma impõe restrições que atuam ‘sobre’ as restrições ‘já’ definidas no âmbito do sistema (alfabético)” (MORAIS, 2000, p. 15).

Por fim, é feita uma avaliação da solução tomada, lembrando que “sempre as soluções encontradas terão sido opções, soluções arbitradas que se transformam em convenção, em lei” (MORAIS, 2000, p. 13). Mesmo que algumas regras ortográficas estejam subentendidas e possam ser solucionadas por meio de princípios gerativos, continuam sendo arbitrarias, produto de uma convenção social estabelecida como norma para uma determinada comunidade linguística.

A ortografia ainda “[e]stabelece o alfabeto, regulamenta o uso das letras e normatiza o emprego dos sinais diacríticos como auxiliares de expressão sonora da língua” (VIEIRA, 2003, p. 76). Além disso, “a norma que usamos define não só o uso de letras e dígrafos. Ela define também o emprego dos acentos e a segmentação das palavras no texto” (MORAIS, 2001, p. 19). Devemos ressaltar que “[o] sistema fonológico ainda pode conter traços que não têm equivalência na escrita. Por sua vez, a escrita pode conter sinais sem equivalência fonológica como as aspas, o travessão, o parágrafo, etc” (SILVA, 1993, p.8) e compete à ortografia a determinação do uso correto desses símbolos. Atualmente, com as escritas que já tenham passado por processos históricos e possuam uma tradição escrita, a ortografia baseia-se sobretudo na etimologia para determinação da grafia da palavra.

Conforme aprendemos estas regras pré-estabelecidas, passamos a reconhecer a imagem da palavra escrita ao ponto que nosso cognitivo percebe sua reprodução correta. Assim,

[...] quando um aprendiz escreve corretamente, é um comportamento reprodutivo, para atingir aquele grau de maestria, tal sujeito elaborou conhecimentos linguísticos de tipos variados: progressivamente adquiriu sensibilidade para levar em conta aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da língua com que um dia apenas se comunicava. Isto é, passou a observar aspectos de diversos

sub-sistemas de sua língua, passou a tratá-la como um objeto de conhecimento (MORAIS, 2000, p. 16).

A partir disso, a ortografia passa a ser vista como um objeto de reflexão, pois, passamos a “olhar para o interior das palavras”, tomando sua forma escrita não só como um veículo de significados, mas como um objeto de conhecimento em si” (MORAIS, 2001, p. 63). Desta maneira, verificamos a importância de sermos eficientes em nossa comunicação escrita, de modo que sejamos compreendidos pelo leitor de nossos textos. Enfatizamos excessivamente na padronização da produção escrita sem detalhar as regras que circundam o ato da leitura, pois as regras para leitura são mais simples, envolvendo apenas o reconhecimento da palavra e não remetem o sujeito à preocupação com a forma que as mesmas devem assumir.

Contudo, a ortografia possibilita a comunicação clara entre os autores de uma mensagem. Suas regras culminam na precisão e garantia da compreensão sem que isso afete a identidade e as variações socioculturais dos indivíduos ou grupos que compartilham uma língua. Ela ainda auxilia no ensino da língua escrita, permitindo que o aprendiz reflita sobre suas normas e compreenda sua importância na padronização da escrita em favor de sua efetiva comunicação. Até o presente momento, discutimos os conceitos que circundam os sistemas de escrita de línguas orais (LO) e sua padronização por meio da ortografia. Mas, como esses processos ocorrem nas línguas de sinais? Existe um alfabeto para a escrita dessas línguas? É possível estabelecer regras ortográficas sobre esse alfabeto? Essas e outras questões conduzirão as discussões apresentadas em nossas próximas seções.

1.3 BREVE HISTÓRICO DAS PROPOSTAS DE ESCRITAS PARA AS LÍNGUAS DE SINAIS

Antes de apresentarmos a ELiS e as regras que a compõem, falaremos brevemente sobre outros sistemas de escrita para as LS que surgiram ao longo da história e marcaram essas línguas. Em 1825, Ambroise Bébien, inventou uma escrita para a LS francesa, a Mimografia, “que dentre outras características, buscava uma representação detalhada dos movimentos” (BARROS, 2008, p.32). O intuito era ensinar o francês escrito aos surdos, sendo este a primeira escrita para uma LS que temos registro. Porém esta escrita não foi muito usada.

A preocupação com uma forma de registro para estas línguas também se tornou objeto de estudo para Stokoe (1965), que percebeu a necessidade de escrever os parâmetros² descobertos por ele na língua de sinais americana e aprofundar sua análise linguística acerca das LS. Essa necessidade resultou na criação de uma escrita técnica, composta por um grupo de símbolos que objetivavam a descrição de aspectos gramaticais das LS. Este foi um grande passo na proposta de uma escrita para a LS, pois teve por base os elementos que compõem a formação dos sinais.

Atualmente contamos com várias propostas de escritas para as LS ao redor do mundo, mas nenhuma delas é reconhecida oficialmente como sistema de escrita de nenhuma LS. Entre estas propostas, sistema americano SignWriting, criado por Sutton em 1974, é o mais difundido. Este sistema conta com aproximadamente 900 símbolos, escritos em forma de pilha, e registra os elementos manuais que compõem as LS.

Dispomos também do sistema alemão HamNoSyS, criado por Prillwitz, Volhaber e seus colaboradores em 1984 na Universidade de Hamburgo, na Alemanha. Este sistema conta com cerca de 210 caracteres, “que são dispostos entre configurações de mãos, orientações de dedos e da palma, pontos de articulação na cabeça e no tronco, além de movimentos e pontuação” (OLIVEIRA, 2014, p. 28).

Contamos ainda com um sistema brasileiro de escrita para a LS, a ELiS, que será objeto de estudo e análise nesta pesquisa.

1.4 REGRAS BÁSICAS DA ELIS

Já se sabe que as línguas de sinais (LS) possuem um canal comunicativo distinto das línguas orais (LO), uma vez que são expressas por meio da modalidade espacial-visual³. Apesar de possuírem diferentes modalidades de produção e percepção, tanto as LO quanto as LS possuem estruturas semelhantes para a formação e organização de seus elementos, observando-se as especificidades de cada língua. Analisando a formação de itens lexicais em cada uma dessas línguas, as unidades mínimas que compõem as palavras nas LO e têm função de

² Apresentaremos estes parâmetros na próxima seção.

³ Quadros e Karnopp apresentam esse canal de comunicação como espacial-visual dado que “a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. (2004, p.47)

distingui-las são denominadas fonemas ao passo que nas LS essas unidades mínimas, responsáveis pela formação dos sinais, são os elementos que compõem os parâmetros.

Os parâmetros das línguas de sinais foram analisados inicialmente por Stokoe (1960), considerado o pai da linguística das LS, que propôs a decomposição dos sinais em três parâmetros:

- Configuração de mão (CM) - descreve a forma assumida pela(s) mão(s) no decorrer do sinal;
- Ponto de articulação⁴ (PA) - refere-se ao local onde o sinal é articulado, sendo este em alguma parte do corpo ou no espaço à frente do corpo; e
- Movimento - podendo os sinais ter ou não movimento.

Estudos posteriores a Stokoe sugeriram que outros dois parâmetros fossem então adicionados aos estudos das LS:

- Orientação da palma (OP) - direção para qual a palma da mão aponta durante a realização do sinal; e
- Expressões faciais e corporais.

Todas essas particularidades referentes às línguas de sinais precisam ser observadas no momento em que são elaboradas propostas de escrita para essas línguas. Vieira (2003), ao tratar das especificidades do alfabeto, ressalta que “os sons de cada símbolo gráfico são adaptados à realidade sonora de cada língua, quando não se criam novas letras ou até mesmo um alfabeto inteiro” (VIEIRA, 2003, p. 78). Nessa seção apresentaremos um sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais, a ELiS⁵, que conta com um alfabeto próprio para registro dos elementos dos parâmetros dessas línguas. Elencaremos ainda as regras básicas que regem essa escrita.

Assim como o Hangul, escrita coreana criado por Sejong, e o glagolítico, inventado por Constantino para ensinar o cristianismo em eslávico, a ELiS (Escrita das Línguas de Sinais) foi concebida pela linguista Mariângela Estelita Barros, em 1998. Atualmente, a ELiS é difundida e ensinada em diversos congressos, centros e associações de surdos e nos cursos de pedagogia bilíngue do Instituto Federal Goiano (IFGoiano) e de Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Federal de Grandes Dourados (UFGD). Mesmo tendo sido criada por uma única pessoa, assim como outros alfabetos já citados, vários outros estudiosos já realizaram pesquisas com essa escrita e contamos ainda com um grupo de pesquisa (LALELiS) destinado ao estudo, investigação e tradução da/para ELiS.

⁴ Alguns autores tratam esse parâmetro como “locação”. Escolhemos a nomenclatura ponto de articulação (PA) em nossa pesquisa por ser a mesma usada na ELiS.

⁵ ELiS é a sigla que designa Escrita das Línguas de Sinais.

A ELiS é uma escrita alfabética, pois é formada por um sistema de símbolos que exprimem os traços elementares da linguagem, registrando, desta forma, as menores unidades distintivas da língua, que, se tratando de línguas de sinais, são evidenciadas pelos elementos que compõem os parâmetros. Em ELiS essas unidades elementares são escritas separadamente e de forma sequencial, uma após a outra, o que a caracteriza como linear. Para a composição do alfabeto em ELiS são usadas “letras próprias para representar os elementos dos cinco parâmetros, que são elementos visuais, e não sonoros” (BARROS, 2010, p.4). Essas letras são denominadas visografemas, isto é, “unidades mínimas (-ema) escritas (graf-) dos visemas⁶ (vis-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente como letras” (BARROS, 2008, p.35).

Seu alfabeto segue as características apresentadas por Man (2002) e os critérios apontados por Calvet (2007), pois se trata de um alfabeto que tende a ser biunívoco, ou seja, o mesmo visografema ou o mesmo grupo de visografemas é usado para transcrever sempre o mesmo elemento visual e o mesmo elemento visual é sempre transcrito pelo mesmo visografema ou pelo mesmo grupo de visografemas, o que caracteriza sua singularidade. Outra característica é sua simplicidade, visto que, com apenas 95 visografemas, este alfabeto é capaz de registrar os todos os sinais da LS e, pela iconicidade de seus visografemas, sua aprendizagem e utilização se torna simples e fácil.

Essa simplicidade se comprova quando comparamos a ELiS com outros sistemas de escrita para as línguas de sinais, como o SignWriting (escrita da língua de sinais americana) que conta com aproximadamente 900 símbolos ou o HamNoSyS - Hamburg Notation System (escrita da língua de sinais alemã) que possui aproximadamente 210 caracteres.

A última característica indicada por Man (2002) diz respeito à adaptabilidade do alfabeto, em outras palavras, “sua aprendizagem deve ser reutilizada” (CALVET, 2007, p. 106). Fernandes (2015) comprovou a viabilidade da ELiS em vinte LS de diferentes países e conclui em seu livro que

a ELiS como qualquer outra escrita de ordem alfabética é um sistema de escrita que pode ser usado com as línguas de sinais aqui verificadas e possivelmente com quaisquer outras línguas de sinais, sendo em alguns casos necessário algumas adaptações para que esta escrita seja possível, dentre as línguas analisadas estas adaptações foram sugeridas (FERNANDES, 2015, p.144).

⁶ Os símbolos do alfabeto da ELiS, em vez de representarem, os sons elementares de uma linguagem, “representam os visemas elementares de uma língua. Crio aqui o termo “visema” em equivalência ao termo fonema. Sendo o fonema uma unidade sonora de uma LO, visema passa a ser uma unidade visual de uma LS (BARROS, 2008, p.24).

Tendo em vista que a ELiS atende aos critérios e características comuns a todos os alfabetos, vale destacar as regras básicas que determinam a organização interna de seus visografemas para a composição dos sinais. Em ELiS, a CM é tratada da mesma forma proposta no modelo de Liddell e Johnson (2006 [1989]), sendo o polegar registrado separado dos demais dedos. Por esse motivo, o grupo de visografemas que se combinam para formar a CM é denominado configuração de dedos (CD). Essa separação permite não só “precisar o(s) traço(s) que distingue(m) configurações parecidas, mas também de capturar contrastes lexicais em que a oposição se estabelece com base em um dos traços da configuração de mão e não com base na configuração inteira” (XAVIER, 2006, p. 7). Além disso, o fato de os visografemas serem combinados para a formação da CM culmina em uma redução significativa do número de visografemas a serem utilizados.

A OP, o PA e o movimento também são registrados por essa escrita, sendo que “tanto os movimentos com as mãos quanto os movimentos realizados com outras partes do corpo, ou seja, as expressões não manuais” (BARROS, 2015, p. 81) estão contidos no grupo destinado ao movimento. A sequência obrigatória dos grupos para a escrita de uma palavra em ELiS é: CD, OP, PA e movimento. Essa sequência não pode ser modificada. Em sinais que não possuem movimento, o lugar destinado ao registro desse grupo fica vazio.

Barros (2015) estabelece regras específicas para cada tipo de sinal existente na Libras e regras internas aos grupos que compõe sua escrita. Em suas análises ela expõe que, caso exista mais de uma possibilidade de escrita para o mesmo sinal, escolhe-se aquela em que são utilizados menos visografemas e menos diacríticos, para que se simplifique a escrita, tornando-a prática e suficiente. Podemos observar essa simplificação ortográfica em outras línguas, como a chinesa. Calvet (2002), quando descreve as mudanças gramaticas da escrita chinesa enfatiza que “essa simplificação, reduzindo o número de traços, certamente favorece o aprendizado e a memorização dos caracteres” (CALVET, 2002, p. 150).

Dentre as regras apontadas por Barros, temos os sinais monomanuais, isto é, sinais que usam apenas uma das mãos durante sua produção. Para esses sinais é atribuída apenas a regra básica da sequência na escrita dos visografemas. Já os sinais que utilizam as duas mãos durante sua realização, chamados sinais bimanuais, englobam os sinais simétricos, assimétricos e quase simétricos, cada qual com suas regras específicas.

É denominado sinal bimanual simétrico aquele em que todos os grupos de visografemas são idênticos. Para esse tipo de sinal, é obrigatório o uso do sinal gráfico “//” no início da palavra, antes de qualquer outro visografema. Esse sinal indica que as duas mãos estão iguais. Em oposição a esse tipo de sinal, temos os sinais bimanuais assimétricos, uma vez que, nessa

situação, todos os grupos apresentam visografemas distintos para cada mão. Esses sinais seguem a mesma regra básica da sequência de visografemas, porém, é necessário a escrita de dois visografemas para cada grupo, sendo o primeiro para registro da mão esquerda e o segundo para a mão direita. Nesse caso, quando somente uma das mãos executa algum movimento, é obrigatório o uso do sinal gráfico “-” no lugar do movimento para indicar que a mão permanece parada.

Nos estudos referentes às línguas de sinais nos deparamos sempre com as nomenclaturas “mão dominante” e “mão não dominante”. Porém, como podemos observar no parágrafo anterior, em ELiS utilizamos as nomenclaturas “mão esquerda” e “mão direita”. Isso ocorre devido a iconicidade e marcação dos visografemas que compõem essa escrita e da forma de registro dos mesmos, ou seja, a iconicidade e direção do movimento (→ “para a direita” e ← “para a esquerda”, por exemplo) e a marcação dos diacríticos de lateralidade (ʔ “lado direito” e ʼ “lado esquerdo”). Na ELiS a mão direita foi definida aleatoriamente como mão dominante padrão, por ser assim para a maioria das pessoas.

Observamos a importância destas nomenclaturas em ELiS no sinal ACONTECER (↙\.\.☐☐←). Neste sinal, a mão dominante toca a palma da mão não dominante ao passo que realiza um movimento da direita para a esquerda. Caso o sinalizante seja uma pessoa canhota, a leitura deste sinal em ELiS será feita de forma errada, pois a troca da mão influenciará em um movimento equivocado o que acarretará na incompreensão do sinal. Porém, tendo por definição da mão direita como dominante estes equívocos são solucionados.

Os sinais bimanuais quase simétricos têm por característica, a equivalência entre os visografemas de um, dois ou até três grupos. Para esses sinais, apenas quando a CD de ambas as mãos estiver igual é obrigatório o uso do sinal gráfico “//” no início da palavra. Os demais grupos seguem a regra da sequência. Entretanto, quando existem visografemas comuns compartilhados por ambas as mãos, sua repetição é dispensada e os mesmos são escritos uma única vez. Caso esse visografema seja replicado na escrita, fica constatado um erro ortográfico, uma vez que fere as regras básicas da ELiS.

Temos ainda os sinais com mão de apoio que, segundo Camargo (2017, p. 10) “são a simplificação dos sinais realizados com duas mãos”, uma vez que, nesses sinais, uma das mãos exerce maior atividade sobre o sinal, sendo definida como mão dominante, ao passo que a outra mão surge apenas como suporte para o sinal, servindo apenas como PA para sua realização. Barros (2015, p. 83), pontua condições que precisam acontecer simultaneamente para que um sinal seja classificado como mão de apoio:

- A CD da mão de apoio deve ser $_l$, $_t$, it ou \bullet , ou em relaxamento, configuração próxima a $_7$;
- A orientação do eixo da palma da mão de apoio deve ser “para frente” (\boxplus) ou “para medial” (\boxminus);
- A OP de mão de apoio deve ser “para cima” (\boxplus) ou “para baixo” (\boxminus);
- O PA da mão de apoio deve ser a “palma” (\square), “dorso” (\boxtimes) “antebraço” (\llcorner) ou “punho” (\lrcorner);
- O M^7 da mão de apoio deve ser inexistente (-) ou o mesmo M da mão dominante. (BARROS, 2015, pag. 83).

Desse modo, os sinais do tipo mão de apoio seguem a mesma estrutura dos sinais monomanuais, porém seu PA deve ser preenchido pela palma, dorso, antebraço ou punho da mão de apoio.

Contamos ainda com a justaposição de dois ou mais sinais, além de sinais que contêm mais de uma sílaba. Em ELiS, esse tipo de sinal é chamado de sinal composto. Estes sinais são escritos seguindo as regras que os fundamentam, sejam eles sinais monomanuais, bimanuais – e suas variações – ou com mão de apoio. Os sinais são escritos normalmente e se unem por meio do sinal gráfico “.:”.

Barros (2015) apresenta algumas definições para que o sinal seja considerado com mais de uma sílaba, sendo que, cada definição diz respeito a um dos grupos de visografemas da ELiS. Em relação à CD, será considerado com mais de uma sílaba, o sinal em que “a combinação de CD for alterada quanto à seleção de dedos, ou seja, se os dedos selecionados para a posição inicial não forem os mesmos selecionados para a posição final. Nessa situação, haverá então outra sílaba e, conseqüentemente, outra palavra escrita” (BARROS, 2015, p. 84).

Do mesmo modo, teremos outra sílaba caso a OP seja mudada depois de uma pausa, estando a mão em contato com o PA. Se houver mudança do PA, será considerada outra sílaba. E, por último, teremos outra sílaba quando houver mudança na direção do movimento realizado durante a produção do sinal. A ELiS também comporta os sinais soletrados, que são constituídos pela combinação sequencial de letras para a formação de uma palavra.

Existem ainda regras internas aos grupos de visografemas e ao uso de diacríticos e pontuação apontadas por Barros (2015). No que concerne à combinação das CD, o dedo polegar será sempre o primeiro a ser registrado, seguido do indicador, médio, anelar e mínimo, independente da mão utilizada para a realização do sinal. Da mesma forma que os visografemas compartilhados durante a produção de sinais binuais dispensam a repetição de sua escrita, nas CD em que os últimos dedos estão na mesma posição, estes são escritos uma única vez

⁷ A autora usa a sigla “M” para se referir a movimento.

para representar todos os dedos subsequentes. Caso haja repetição dos últimos dedos na mesma posição que seus antecessores, fica constatado como erro ortográfico.

As CD contam com dois visografemas especiais: “•” usado quando todos os dedos estão fechados; e “✞” para indicar que os dedos estão cruzados. Além disso, existem algumas combinações inadequadas como “\T” e “ll”, sendo a primeira uma informalidade esporádica na ELiS e a segunda um erro de escrita uma vez que essa CM não existe em Libras.

No que diz respeito aos diacríticos, que são definidos por Dubois como “um signo gráfico adjunto a um grafema simples do alfabeto, a fim de transcrever um fonema diferente daquele que transcreve esse grafema” (DUBOIS, J. et alli, 2001 apud BARROS, 2008), a ELiS os distribui entre os grupos de CD, PA e movimento. O grupo de CD conta com diacríticos para indicar a orientação do eixo da palma; a união de dedos; o contato com a ponta do polegar; e movimento. Esses diacríticos são dispostos à direita e acima dos visografemas a que se referem.

O diacrítico de orientação do eixo da palma é definido por Barros (2015, p. 86) como “uma linha imaginária que atravessa a palma longitudinalmente e define a orientação da articulação metacarpofalangeana (que une os dedos à palma)”, ou seja, ele estabelece a posição para a qual o eixo da palma está voltado durante a realização do sinal. Para a representação desses diacríticos usamos os mesmos visografemas de OP, porém alocados à direita e acima da CD e em tamanho menor, como a letra “M” do alfabeto manual (.##.≡) em que o diacrítico “para baixo” (≡) determina a posição do eixo da palma, estabelecendo, assim, o significado desse sinal. São permitidas as seguintes combinações entre esses diacríticos e os visografemas de OP:

Para frente: ☒	Para trás: ☐	Para medial: ☐
- it [☒] ☒	- it [☐] ☐	- it [☐] ☐
- it [☐] ☒	- it [☐] ☐	- it [☐] ☐
- it [☐] ☒	- it [☐] ☐	- it [☐] ☐
Para lateral: ☐	Para cima: ☐	Para baixo: ☐
- it [☐] ☐	- it [☐] ☐	- it [☐] ☐
- it [☐] ☐	- it [☐] ☐	- it [☐] ☐
- it [☐] ☐	- it [☐] ☐	- it [☐] ☐

A união de dedos é promovida por meio do uso do diacrítico “-” sobre os dedos que se encontram unidos, como na letra “B” do alfabeto manual (↗↖), em que o polegar está na palma (↗) e os demais dedos estão estendidos e unidos (↖). Já o contato com a ponta do polegar é

caso a mão ativa não tenha a mesma lateralidade do PA em questão, “ou seja, se a mão direita toca o lado esquerdo, ou se a mão esquerda toca o lado direito” (BARROS, 2015, p. 87).

Quando há um contato com um dedo específico e o mesmo não aparece destacado no formato da mão usamos o diacrítico de dedo. Em ELiS são utilizados os números de um a cinco para indicar qual dedo faz contato, iniciando pelo polegar (um) que é seguido pelos demais dedos até o dedo cinco – mínimo. Os pontos de articulação simultâneos são escritos com um dos PA’s em posição de diacrítico, isso ocorre quando uma única mão toca dois PA’s ao mesmo tempo ou quando duas mãos mantêm contato entre si e com um outro PA. Nesse segundo caso, “os PA’s da mão esquerda e direita serão escritos em tamanho normal, ‘um PA diferente para cada mão, ou o mesmo para as duas’, e o PA que ambas ocupam será escrito como diacrítico, após o PA da mão direita’ (BARROS, 2015, p. 88).

O grupo dos visografemas de movimento permite a repetição de um determinado movimento por meio do diacrítico “˙”, disposto à direita e acima do visografema que deve ter o movimento repetido. Há, porém, um caso especial que faz parte de uma regra ortográfica da ELiS. Se trata do visografema de “tamborilar” os dedos (↷). Quando esse visografema está acompanhado do diacrítico de repetição (↷˙) os dedos realizam o movimento de tamborilar, porém, caso ele apareça sem esse diacrítico (↷) os dedos irão se fechar/abrir, um por vez.

Alguns movimentos possuem essa repetição inerente e dispensam o uso desse diacrítico, como os movimentos duplos (↕,↔,±) e circulares (0,○,⊙). Temos aqui outro caso especial, o visografema de “abrir e fechar” a mão (↕), que possui repetição inerente do movimento, porém só é usado em um caso específico, quando os dedos estão curvos (↖) ou estendidos (↗) e a(s) mão(s) precisa(m) realizar um movimento de abrir e fechar, mantendo contato pela ponta dos dedos, formando um “O” (↖). Nestes casos, a CD deve ser sempre escrita com os dedos em contato, para que, durante a realização do movimento, os mesmos possam voltar a sua posição original. Exemplo do uso desse visografema pode ser visto no sinal CÂNCER (↖↗.⊙↕↖). Essa exceção é causada pela forma natural em que as mãos se fecham. Quando os dedos estão curvos (↖) ou estendidos (↗), as mãos se fecham completamente (•). Nos casos em que os dedos estão inclinados (↘\↘) as mãos se fecham mantendo contato com as pontas dos dedos (↘\↘). Nesses casos, em que as mãos se fecham naturalmente e há repetição do movimento, os sinais devem ser escritos com os visografemas de “abrir” (↕) ou “fechar” (↕) acompanhados do diacrítico de repetição (˙).

Há também o uso do diacrítico “˙”, para indicar a alternância do movimento produzido no sinal, disposto da mesma forma. Existem ainda sinais em que um dedo específico realiza um

determinado movimento. Caso esse dedo não esteja destacado, utilizamos o mesmo recurso de enumeração dos dedos apresentados como diacríticos do PA para identificar o dedo em questão.

Existe ainda a possibilidade de representar movimentos simultâneos, nesses casos, um movimento será diacrítico do outro. Devemos nos atentar sobre o ordem de escrita desses movimentos, pois o movimento realizado pelo(s) braço(s) sempre antecipará os demais movimentos. Nestes casos, os movimentos de braços serão escritos como visografemas e os movimentos de dedos, punho ou sem as mãos serão os diacríticos.

Segundo Barros (2015), esses movimentos podem se repetir de maneira sincronizada, como no sinal BRASÍLIA // \. □ □ ++ ⌘, em que as mãos se afastam (++) ao mesmo tempo em que os dedos se fecham (⌘) e depois retornam à posição inicial repetindo todo o movimento. Neste caso, o diacrítico de repetição acompanha o movimento do braço por ser este a base inicial do sinal.

Ainda segundo a autora, um dos movimentos pode se repetir enquanto o outro se realiza apenas uma vez, como observamos no sinal COISAS // . #. □ □ □ ++ ^:, em que os braços se afastam (++) apenas uma vez, ao passo que os dedos repetem o movimento de fricção (^) no decorrer de todo o sinal. Aqui percebemos que o diacrítico de repetição acompanha o movimento secundário do sinal, pois somente este se repete.

De acordo com Silva (1993) “[o] sistema ortográfico ainda admite alguns sinais, que se colocam ao nível da frase e que exerce sobre ela funções variadas” (SILVA, 1993, p.100), esses são denominados sinais de pontuação e, em ELiS, são representados por símbolos de valores semelhantes aos dos alfabetos de LO. O ponto de interrogação (?), exclamação (!), a vírgula (,), as aspas (“ ”), o travessão (–) e os parênteses () correspondem aos mesmos símbolos usados por escritas de LO. Já os símbolos utilizados para indicar ponto final (◦) e dois pontos (§) foram adaptados às necessidades distintivas da ELiS.

Silva (1993) ainda argumenta que “[...] nem sempre segmentos fônicos são representados por igual número de segmentos ortográficos” (SILVA, 1993, p. 64), e elenca quatro situações em que isso ocorre. Esses segmentos são identificados em ELiS e serão apresentados a seguir.

A primeira possibilidade de não correspondência definida por Silva (1993) ocorre quando os segmentos fônicos são representados por um número maior de segmentos gráficos. A ELiS dispõe de um diacrítico específico para indicar atrás (⌘). Esse diacrítico auxilia na redução do número de símbolos para indicar PA's, visto que sua combinação com outro PA modifica seu significado. Dessa forma, a combinação entre o visografema tórax (☹) e o

diacrítico atrás (^{sq}) resulta no PA COSTAS. Assim, são usados dois símbolos gráficos para representar um único parâmetro das LS.

Há também, a possibilidade de segmentos fônicos serem representados por um número menor de segmentos gráficos. Em ELiS isso ocorre com todos os movimentos com repetição inerente, uma vez que apenas um símbolo é registrado, mas o movimento do sinal é executado de maneira contínua.

Temos ainda a possibilidade de segmentos fônicos não serem representados graficamente. Na ELiS esse fenômeno é muito recorrente. A maioria dos sinais carrega em suas regras básicas a eliminação de visografemas em prol da fluidez e praticidade da escrita. Dessa forma, muitos elementos não são escritos, mas sim subentendidos. Como vimos anteriormente, os sinais bimanuais simétricos, quase simétricos e os sinais com mão de apoio apresentam essa característica.

Por fim, existe a possibilidade de segmentos gráficos sem correspondência fonológica. Esses casos, segundo Silva (1993), são marcados pela etimologia e pela tradição escrita. No caso da ELiS, algumas de suas regras ortográficas estão sendo propostas neste trabalho o que impossibilita a existência de uma tradição e muito menos de uma etimologia. Nos capítulos seguintes serão apresentadas a metodologia abordada para a presente pesquisa e serão feitas as análises de nossos dados com o levantamento de propostas para construção de uma ortografia para a ELiS.

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos relevantes que embasam nosso trabalho. Abordamos considerações acerca das escritas alfabéticas, bem como os fundamentos da ortografia e das regras básicas que compõe a escrita da Libras por meio da ELiS. Passemos, agora, à constituição de nossos dados de pesquisa e às questões metodológicas.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

O presente capítulo é destinado à exposição da metodologia adotada para a realização de nossa pesquisa. Objetivando formar um corpus com sinais de uso cotidiano e que possam ser utilizados posteriormente para o ensino da Libras/ELiS, optamos por traduzir algo que possa servir futuramente como material de leitura ou análise da tradução e selecionamos para este fim a fábula “*A corrida de sapinhos*”, de autoria de Monteiro Lobato, que segue abaixo:

A corrida de sapinhos – Fábula de Monteiro Lobato

Era uma vez uma corrida de sapinhos.

Eles tinham que subir uma grande ladeira e, do lado havia uma grande multidão, muita gente que vibrava com eles.

Começou a competição.

A multidão dizia:

– Não vão conseguir! Não vão conseguir!

Os sapinhos iam desistindo um a um, menos um deles que continuava subindo. E a multidão a aclamar:

– Não vão conseguir! Não vão conseguir!

E os sapinhos iam desistindo, menos um, que subia tranquilo, sem esforço.

No final da competição, todos os sapinhos desistiram, menos aquele.

Todos queriam saber o que aconteceu, e quando foram perguntar ao sapinho como ele conseguiu chegar até o fim, descobriram que ele era SURDO!

Moral:

Quando queremos fazer alguma coisa que precise de coragem não devemos escutar as pessoas que falam que você não vai conseguir. Seja surdo aos apelos negativos.

A referida fábula foi escolhida devido a sua extensão, popularidade e pelo fato de o protagonista ser um sapinho surdo, uma vez que esses fatores possibilitariam que durante a tradução utilizássemos sinais que abrangem falas cotidianas e elementos da cultura surda.

Para composição de nosso corpus, realizamos a tradução da fábula selecionada e pesquisamos os sinais utilizados em renomados dicionários de Libras, vídeos com histórias em Libras disponibilizados na BiblioLibras, uma biblioteca bilíngue de literatura infantil e juvenil – Libras/Português, e as experiências pessoais da autora desse trabalho enquanto tradutora e intérprete de Libras para elencar possíveis variações na pronúncia – forma de sinalização – e propor a padronização na escrita dos mesmos. Essas pesquisas nos possibilitaram perceber e analisar tal variedade.

Nossa principal fonte de pesquisa foi a 3ª edição do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua brasileira de sinais – Libras (Novo DEIT-Libras). Esta obra singular organizada por Capovilla, Raphael e Maurício (2013), conta com 10.296 sinais de Libras. Para nossa análise, elencamos os sinais utilizados na tradução da fábula e relacionamos com as imagens utilizadas para representação dos mesmos no dicionário e a descrição apresentada nos verbetes correspondentes.

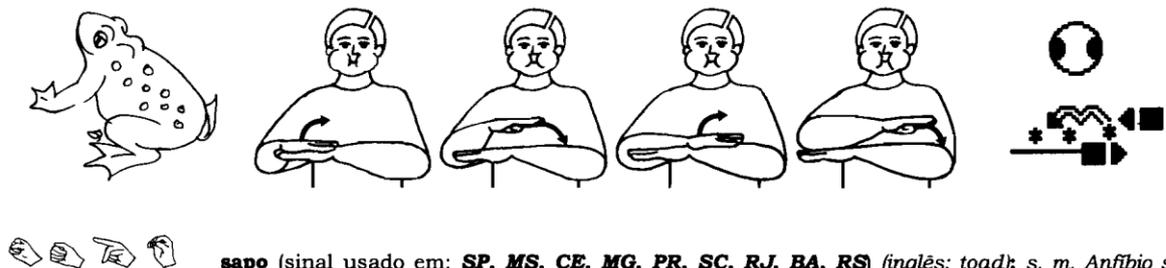
Percebemos no verbete apresentado a seguir que, em sua organização interna, cada sinal disposto no dicionário é apresentado por uma entrada, sendo esta composta pela datilologia em Libras da palavra em português; desenho de como o sinal é realizado; desenho ilustrativo da ideia; verbete em português referente ao sinal apresentado; indicação do(s) estado(s) onde o sinal é utilizado; verbete da sua tradução em inglês; a classe da palavra na língua portuguesa; o significado da palavra; exemplos da aplicação do sinal de forma contextualizada; descrição de como é feito o sinal (respeitando os parâmetros da língua de sinais); explicação da morfologia do sinal (não em todos); e sua escrita em SignWriting.

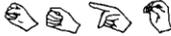
Ressaltamos que o SignWriting é uma proposta de escrita para as línguas de sinais criada em 1974 por Valerie Sutton. Este sistema conta com cerca de 900 símbolos para o registro dos elementos manuais o que, segundo Stumpf (2008), evidencia a complexidade dos movimentos na formação dos sinais nas LS. Essa escrita também é ensinada aqui no Brasil e existem várias

pesquisas a seu respeito. Porém, não é o foco de nossa pesquisa analisar o SignWriting ou compará-lo com a ELiS. Por esse motivo, o mesmo não será mencionado em nossas análises.

Percebermos que o desenho de como o sinal é realizado e a descrição de como ele é feito são suficientes para nossa análise e, por esse motivo, utilizaremos apenas estas duas partes dos verbetes em nossa pesquisa.

Figura 1: Verbetes “sapo”



 **sapo** (sinal usado em: **SP, MS, CE, MG, PR, SC, RJ, BA, RS**) (inglês: toad): s. m. Anfíbio sem cauda, que se desenvolve na água e que apresenta, na fase adulta, hábitos terrestres, procurando a água na época da reprodução. Sua pele é verrugosa, não possui dentes e tem glândulas de veneno (paratoides) muito grandes, atrás dos olhos. Ex.: O veneno expelido pelo sapo somente causa dano quando ingerido ou em contato com o sangue. (Braço esquerdo horizontal dobrado em frente ao corpo, mão aberta, palma para baixo; mão direita aberta palma para baixo, dedos para a esquerda, tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita em direção ao cotovelo esquerdo, tocando o braço esquerdo durante o movimento, com as bochechas infladas.) **Etimologia.** **Morfologia:** Trata-se de sinal formado por morfema metafórico molar que representa animais e suas características, como nos sinais JACARÉ, BARATA, LEBRE, POLVO, LULA, PELICANO, LEÃO, RAPOSA, PINGUIM, RÁ, RINOCERONTE, TOURO, CAVALO-MARINHO, BICO, CHIFRE, RABO – CAUDA. **Iconicidade:** No sinal SAPO as bochechas infladas simulam a forma do anfíbio; ao passo que o movimento da mão direita sobre o antebraço esquerdo simula seu deslocamento característico, aos saltos.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2232).

No decorrer das análises, notamos em alguns casos a necessidade de buscar outras fontes para melhor esclarecimento sobre a forma que o sinal era composto, como podemos observar no sinal de sapo apresentado acima. Nesse sinal, tanto no desenho quanto na descrição apresentada, a mão direita aparece aberta. Porém, no uso cotidiano esse sinal é produzido com a mão direita em forma de “concha”, visto que esse formato caracteriza a iconicidade deste sinal, observada na representação do corpo do animal.

Notamos ainda que não existe a possibilidade de saber qual a posição assumida pelo polegar durante a realização do sinal e, por estes motivos, tivemos que procurar outras fontes (vídeos de histórias em Libras da BiblioLibras) que confirmassem a maneira correta de execução deste sinal, o que resultou na confirmação da configuração de mão utilizada e nos proporcionou a padronização de sua escrita. Desta forma, a proposta para a escrita do sinal SAPO em ELiS foi $\text{h}^{\square} \text{E} \text{L} \leftarrow$, com o polegar na vertical e os demais dedos unidos e inclinados, visto que assim a iconicidade do sinal é preservada.

Em alguns casos, deparamo-nos com variações linguísticas no Novo DEIT-Libras, em que apareciam várias formas de produção para um mesmo sinal. Nestes casos, usamos como critério de seleção as formas utilizadas em Goiânia (cidade em que mora a autora deste trabalho) e o contexto em que o sinal aparecia na tradução. Tivemos também a ocorrência de classificadores e de uma expressão popular que não constam no dicionário. Diante disso, utilizamos das características que compõem cada um destes sinais e de nossas experiências pessoais e convívio com a comunidade surda para propor uma forma de escrita para tais sinais.

Devemos destacar ainda, algumas diferenças na nomenclatura utilizada pelo dicionário Novo DEIT-Libras em relação à ELiS. A principal diferença está na configuração de mão (CM), que em ELiS é chamada configuração de dedos (CD). Ainda em relação ao formato da mão, em alguns momentos o dicionário descreve que o sinal é feito com a “mão aberta” e em ELiS existem várias possibilidades em que a mão pode estar “aberta” como discutiremos em nossas análises. Outra diferença está na descrição da mão para a medial (☐) e para a distal (☐), que o dicionário descreve como “para dentro” e “para fora” respectivamente. Ressaltamos que, por ser a ELiS nosso objeto de análise sua nomenclatura foi preservada no decorrer de todo o nosso trabalho.

Após levantar as possíveis formas de escrita dos sinais que compõem nossa tradução, utilizamos as regras grafotáticas apresentadas por Barros (2015) e as análises dos sinais com mão de apoio realizadas por Camargo (2017) como base ortográfica para a padronização da escrita destes sinais em ELiS. Nas próximas páginas, exporemos as análises que realizamos e as propostas levantadas.

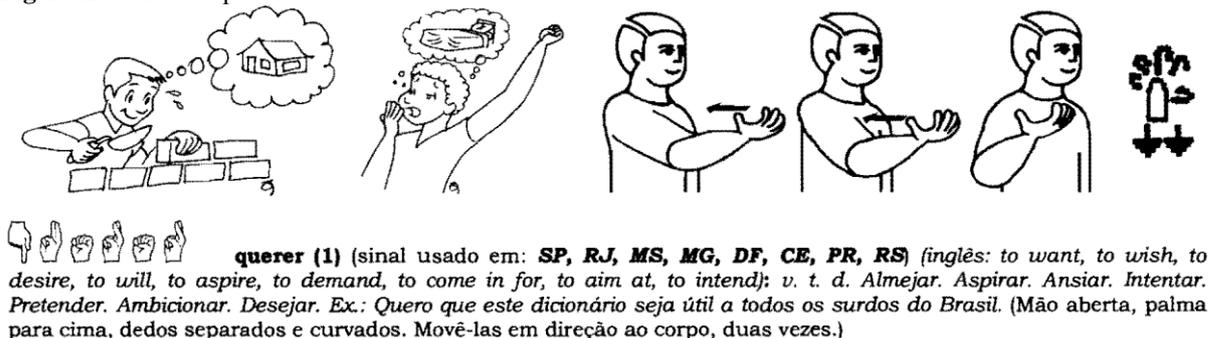
CAPÍTULO 3

PROPOSTAS INICIAIS DE REGRAS ORTOGRÁFICAS PARA A ELiS

Nossas análises evidenciaram que a ELiS já possui algumas regras ortográficas e que as mesmas já vêm sendo utilizadas por seus usuários. Porém, em alguns casos, essa escrita carece de regras adicionais para sua padronização. Com base nessas análises e nas pesquisas realizadas acerca do tema, apontaremos nesse capítulo a verificação das regras existentes para essa escrita e proporemos novas regras para padronização da mesma.

No decorrer de nossas análises, detectamos que as regras gerais da ELiS são suficientes para a padronização da escrita na maioria dos sinais. A regra base dessa escrita advém dos grupos de visografemas que a compõem e da forma como eles se organizam. O primeiro grupo a ser escrito é o da configuração de dedos (CD), seguido da orientação da palma (OP), do ponto de articulação (PA) e do movimento, nessa ordem. Todos os sinais seguem essa estrutura básica em seu registro, como exemplificaremos no sinal QUERER, apresentado a seguir, que é composto pela CD “$\angle T$” (polegar e demais dedos curvos), pela OP “☐” (para cima), pelo PA “☐” (espaço neutro) e pelo movimento “T” (para trás).

Figura 2: Verbetes “querer”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2096).

Durante a análise do sinal acima, notamos que tanto na ilustração quanto na descrição do sinal a CD utilizada é “$\angle T$”, a OP está “☐”, o PA é “☐” e o movimento realizado é “T”. Na descrição, porém, o movimento apresenta uma repetição que não fica clara em sua ilustração e, que no uso cotidiano da língua, é vista como uma intensificação do sinal e não como parte do mesmo. Desse modo, sugerimos que a escrita deste sinal em ELiS seja $\angle T \square \square T$ (QUERER),

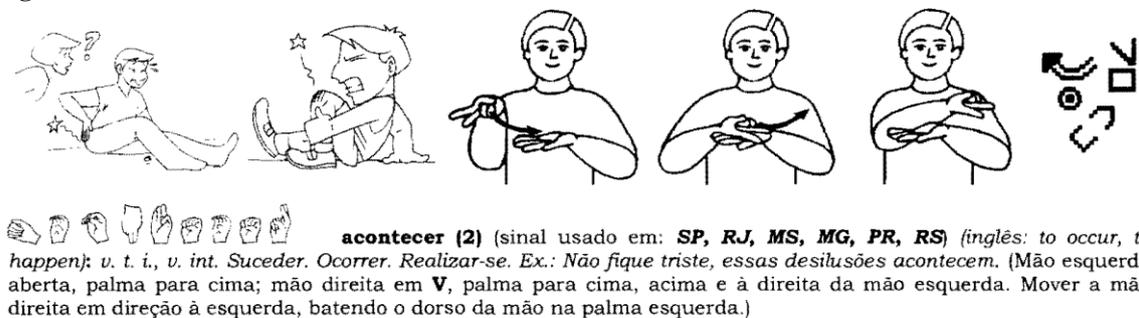
sem repetição. A seguir, apresentaremos as regras que compõem a escrita de cada tipo de sinal em ELiS e analisaremos se as mesmas são suficientes para a padronização destes sinais.

3.1 ANATOMIA DO POLEGAR E REGRA DA MÃO EM CONTATO

Como evidenciado na seção 1.3, Barros (2015) apresenta regras específicas para cada tipo de sinal existente na Libras e regras internas aos grupos que compõem sua escrita. Em suas análises, ela expõe – como já evidenciamos anteriormente – que, caso exista mais de uma possibilidade de escrita para o mesmo sinal, escolhe-se aquela em que são utilizados menos visografemas e menos diacríticos, para que se simplifique a escrita, tornando-a prática e suficiente.

Dentre as regras apontadas por Barros, temos os sinais com mão de apoio. Em nossa tradução, detectamos os sinais “ACONTECER”, “SAPO” e “COMEÇAR”, ao quais serão apresentados em seguida.

Figura 3: Verbetes “acontecer”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 274).

O principal ponto que nos chamou a atenção ao analisarmos o sinal ACONTECER, apresentado acima, é a configuração assumida pela mão direita. A descrição e a ilustração colocam o formato dessa mão com a letra “V” do alfabeto manual. Porém, por meio de nossas experiências pessoais e após assistir ao vídeo “O príncipe sapo ou Enrique de ferro”, onde a sinalizante, aos 0:27 segundos, realiza a produção do sinal ACONTECER, percebemos que o mesmo é produzido com a configuração da mão direita em “P”. Ressaltamos que pode ser uma variação na forma de sinalização, pois o dicionário conta com sinais coletados em vários estados. Todavia, nosso objetivo aqui é propor uma padronização e, por esse motivo,

adotaremos a CD “/∖.” (letra P do alfabeto manual) por ser esta a variante mais encontrada nos materiais pesquisados.

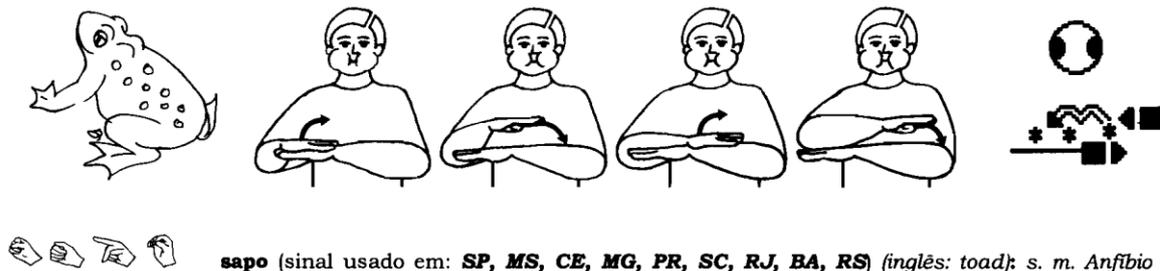
Outro questionamento que levantamos foi a respeito de qual interpretação poderíamos fazer da descrição “mão esquerda aberta”, visto que em ELiS existem várias possibilidades de se combinar CD’s e escrever “mão aberta”: com o polegar curvo (↶), horizontal (→), vertical (↑) e os demais dedos curvos (↷), estendidos unidos (†) ou separados (‡). Neste caso específico, por se tratar de um sinal com mão de apoio, a mão esquerda não é escrita em ELiS, mas abrimos aqui a discussão acerca da expressão “mão aberta” utilizada pelo dicionário e discutiremos mais esse fato em outros casos que serão apresentados no decorrer deste trabalho.

Assim, propomos que a escrita do sinal ACONTECER em ELiS seja “/∖.” a CD da mão direita, uma vez que ela é a mão dominante padrão na ELiS, “☐” a OP da mão direita, “☐” o PA da mão esquerda, visto que se trata da mão de apoio, e “←” é o movimento da mão direita. Resultando na escrita /∖.☐☐←.

Segundo Camargo (2017), a ausência dos visografemas de CD, OP e movimento da mão de apoio não modificam o sentido desses tipos de sinais, pois ao realizar a leitura do sinal notamos que é impossível a CD da mão direita (/∖.) tocar em seu próprio PA (☐), restando-nos apenas a opção de usar o PA (☐) da mão esquerda, que se tornará nossa mão de apoio para realização do sinal.

Seguindo as condições que precisam acontecer simultaneamente para que um sinal seja classificado como mão de apoio apontadas por Barros (2015) na seção 1.3, notamos que os sinais do tipo mão de apoio seguem a mesma estrutura dos sinais monomanuais, porém seu PA deve ser preenchido pela palma, dorso, antebraço ou punho da mão de apoio. Outra escrita que nos mostra essa mesma possibilidade de simplificação é vista no sinal SAPO, apresentado a seguir.

Figura 1: Verbetes “sapo”



 **sapo** (sinal usado em: **SP, MS, CE, MG, PR, SC, RJ, BA, RS**) (inglês: toad); s. m. Anfíbio sem cauda, que se desenvolve na água e que apresenta, na fase adulta, hábitos terrestres, procurando a água na época da reprodução. Sua pele é verrugosa, não possui dentes e tem glândulas de veneno (paratoides) muito grandes, atrás dos olhos. Ex.: O veneno expelido pelo sapo somente causa dano quando ingerido ou em contato com o sangue. (Braço esquerdo horizontal dobrado em frente ao corpo, mão aberta, palma para baixo; mão direita aberta palma para baixo, dedos para a esquerda, tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita em direção ao cotovelo esquerdo, tocando o braço esquerdo durante o movimento, com as bochechas infladas.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado por morfema metafórico molar que representa animais e suas características, como nos sinais JACARÉ, BARATA, LEBRE, POLVO, LULA, PELICANO, LEÃO, RAPOSA, PINGUIM, RÁ, RINOCERONTE, TOURO, CAVALO-MARINHO, BICO, CHIFRE, RABO – CAUDA. **Iconicidade:** No sinal SAPO as bochechas infladas simulam a forma do anfíbio; ao passo que o movimento da mão direita sobre o antebraço esquerdo simula seu deslocamento característico, aos saltos.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2232).

Para este sinal, também seguimos as regras de sinal com mão de apoio, pois o fato de a OP da mão direita estar “para baixo” (☐) e em contato com o antebraço da mão esquerda (☞) implica no contato entre a palma da mão e o antebraço, não havendo possibilidade de outra parte da mão tocar o antebraço.

Aqui nos deparamos novamente com a nomenclatura “mão aberta” que nos trouxe dúvidas em relação à forma assumida pelo polegar durante a realização do sinal, pois a ilustração não é clara. Ao pesquisarmos identificamos uma variação na forma em que o polegar é sinalizado e percebemos que se trata de um alofone da Libras que, em sua sinalização, é compreendido por todos os seus falantes, mas exige um padrão para a sua escrita. Verificamos ainda, que os usuários da Libras não sinalizam SAPO com a mão aberta como apresentado no dicionário, mas com os demais dedos unidos e inclinados (☞) devido à necessidade de incorporar a forma do animal à produção do sinal referente. Assim, parte da iconicidade desse sinal está em representar o formato de um sapo, que é caracterizado com a mão em formato de “concha”. Para esse formato de mão escrevemos em ELiS “☞”.

Outra marca que evidencia a iconicidade deste sinal são os movimentos que caracterizam o deslocamento do sapo, seus saltos, que são registrados por meio do diacrítico de contato intermitente indefinido no antebraço (☞). Este diacrítico, como visto na seção 1.3, permite combinar o movimento “para a esquerda” (←) realizado pela mão direita com pequenas pausas no antebraço esquerdo, o que resulta nos movimentos em forma de arco que simulam os saltos de um sapo. Posto isso, sugerimos que a escrita desse sinal em ELiS seja ☞☐☞☞←, com o polegar na vertical e os demais dedos unidos e inclinados, visto que assim a iconicidade do

sinal é preservada. Ressaltamos ainda, a obrigatoriedade do uso do diacrítico “☐” (para a medial) neste sinal para indicar a direção do eixo da palma da mão.

Algumas OP têm combinações específicas com seus eixos tidas como padrões. Tais combinações dispensam o uso de diacríticos em prol da economia e fluidez da escrita. Barros (2015) pontua dois padrões para essas situações argumentando sua frequência na realização dos sinais. O primeiro é o eixo da palma da mão “para cima” (☐), que nunca é escrito por estar subentendido em todos os sinais. O segundo, se restringe às ocasiões em que a palma da mão está voltada “para cima” (☐) ou “para baixo” (☐), nesses casos, quando o eixo da palma da mão estiver “para frente” (☐) ele se torna um padrão, não sendo escrito.

O sinal para COMEÇAR, assim como o sinal para SAPO, não se enquadram em nenhuma destas duas condições, portanto tem-se a obrigatoriedade de se escrever o diacrítico de eixo da palma em ambos. Esse diacrítico é indispensável para mostrar que o eixo da mão se encontra na posição horizontal, visto que, sem o diacrítico “☐” esse eixo ficaria naturalmente para a vertical. Verificamos agora como isso se dá no sinal para COMEÇAR.

Figura 4: Verbetes “começar”



começar (1) (sinal usado em: **SP, MS, MG, CE, PR, DF, SC, RS**) (inglês: *to begin, to start, to initiate*), **começo (1)** (inglês: *beginning, start, onset*); Começar: *v. t. d., v. t. i. Iniciar. Princípiar. Dar começo ou início a.* Ex.: *Podemos começar a reunião.* Ex.: *Vamos começar pela letra “a”.* *v. t. i., v. int. Ter começo ou início. Dar princípio.* Ex.: *É preciso começar.* Começo: *s. m. Início. Princípio. Origem. Primeira parte ou primeiro momento de algo.* Ex.: *O começo da palestra foi sobre o desenvolvimento da linguagem.* (Mão esquerda aberta, palma para cima, dedos para frente; mão direita horizontal aberta, palma para trás, tocando a base da palma esquerda. Mover a mão direita para frente, até as pontas dos dedos.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 769).

O fato da mão dominante ter sua OP “para trás” (☐) torna obrigatório o uso do diacrítico de eixo da palma da mão “☐” (para a medial), pois assim a mão permanece na horizontal. Novamente é utilizado o termo “mão aberta” e, mesmo que a ilustração esteja clara neste caso, identificamos outra variação na sinalização do polegar pelos usuários da Libras, sendo encontrado na horizontal (–) e também na vertical (I). Percebemos aqui um primeiro padrão para a análise dos sinais definidos como “mão aberta” e nos colocamos a analisar mais detalhadamente estes casos.

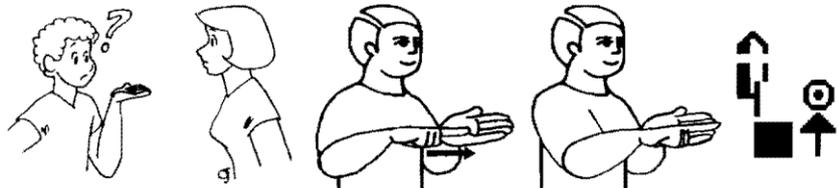
Por meio de nossas análises, constatamos que, anatomicamente, o polegar na horizontal é a forma que mais o aproxima de sua posição de repouso. Posto isso, propomos que nos sinais em que o polegar esteja em posição de relaxamento e não influencie diretamente no significado do sinal o mesmo seja escrito na horizontal (–). Dessa forma, proporcionará fluidez na leitura, visto que possibilitará maior flexibilidade de movimento para se adequar a configuração do próximo sinal no decorrer da leitura de um texto. Caso a escolha para escrita do polegar nessa posição de relaxamento fosse na vertical (|), como no sinal para COMEÇAR apresentado na ilustração do dicionário, o mesmo se encontraria em contato com os demais dedos e exigiria do leitor uma pausa na sinalização para que o polegar saísse dessa posição de contato e se adequasse à configuração do sinal seguinte, pois estaria preso aos demais dedos, não caracterizando relaxamento. Assim, é provável que, em sinais realizados com a “mão aberta” (quer com os demais dedos unidos ou separados), o polegar na horizontal seja mais usado na escrita cotidiana que o polegar na vertical.

Dessa forma, o sinal para COMEÇAR deve ser escrito –†□□⊥, com o polegar na horizontal (–) e os demais dedos estendidos e unidos (†). Podemos verificar essa mesma regra de escrita do polegar no sinal para PERGUNTAR, apresentado a seguir:

Figura 5: Verbetes “perguntar”



perguntar (sinal usado em: **SP, RJ, MS, PB, CE, MG, PR, RS**) (inglês: *to ask, to question, to query, to interrogate, to inquire someone*), **pergunta** {1} (inglês: *question, interrogation, inquiry*); Perguntar: v. t. d., v. t. d. i. Fazer perguntas a. Indagar. Questionar. Investigar. Ex.: Perguntou a idade da minha amiga por quem se interessara. Ex.: Perguntei-lhe a idade. v. t. i. Pedir informações sobre. Ex.: Perguntei ao professor sobre meu desempenho na prova. v. int. Fazer perguntas. Ex.: Ele tem mania de perguntar muito. Pergunta: s. f. Ato de perguntar. Ex.: Após o debate, fiz uma pergunta aos autores do livro. (Mão esquerda horizontal aberta, palma para a direita; mão direita em 1, palma para baixo, indicador apontando para frente, tocando a base do pulso esquerdo. Mover a mão direita para frente.)



perguntas a. Indagar. Questionar. Investigar. Ex.: Perguntou a idade da minha amiga por quem se interessara. Ex.: Perguntei-lhe a idade. v. t. i. Pedir informações sobre. Ex.: Perguntei ao professor sobre meu desempenho na prova. v. int. Fazer perguntas. Ex.: Ele tem mania de perguntar muito. Pergunta: s. f. Ato de perguntar. Ex.: Após o debate, fiz uma pergunta aos autores do livro. (Mão esquerda horizontal aberta, palma para a direita; mão direita em 1, palma para baixo, indicador apontando para frente, tocando a base do pulso esquerdo. Mover a mão direita para frente.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1944).

Temos aqui um caso de sinal bimanual assimétrico, em que as duas mãos participam do sinal e possuem todos os visografemas distintos. Aplicando a regra da anatomia do polegar para a escrita da mão esquerda, temos o polegar na horizontal que resulta na CD “–†”. Neste caso, a regra da anatomia do polegar se justifica pelo fato de o polegar da mão esquerda não influenciar no significado do sinal, estando em posição de repouso.

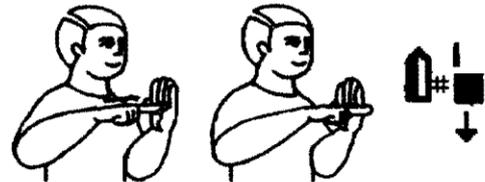
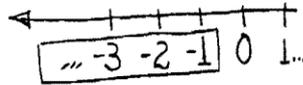
Conforme apresentamos outrora, sinais em que a OP esteja “para a medial” (□) e o eixo da palma da mão esteja “para frente”, é obrigatório o uso do diacrítico “⊥”. Porém, faz parte de um padrão da ELiS que, quando a OP se encontra “para baixo” (⊥), seu eixo estará

naturalmente “para frente” (\square), dispensando assim sua escrita. Logo, a escrita deste sinal em ELiS é $_{-}\dagger.i.\square\square\square\square$ - \perp . Evidenciamos ainda a utilização do PA “ \square ” (palma da mão) na escrita da mão esquerda, como nos sugere a ilustração do sinal. Contamos com estas mesmas especificidades no sinal NEGATIVO, apresentado a seguir.

Figura 6: Verbete “negativo”



negativo(a) (1) (abaixo de zero)
(sinal usado em: **SP, RS**) (inglês: *negative, not positive (below zero)*): adj. m. (f.). Que exprime ausência ou falta. Diz-se de uma quantidade menor que zero. Cujo



valor é precedido pelo sinal de menos. Que está em débito. Ex.: Ele acordou de madrugada com muito frio e viu que o termômetro marcava cinco graus negativos, ou seja, que a temperatura era de cinco graus abaixo de zero. Ex.: O saldo de sua conta bancária ficou negativo porque ele se esqueceu de depositar o dinheiro necessário para cobrir um cheque pré-datado que havia emitido no mês passado; mas, assim que percebeu, transferiu o dinheiro da poupança para a conta corrente e, assim, o seu saldo voltou a ser positivo. (Fazer este sinal **MENOS**: Mão esquerda vertical aberta, palma para a direita; mão direita em 1, palma para baixo. Bater a lateral do indicador na palma esquerda.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1783).

Neste sinal, não escrevemos nenhum diacrítico na mão esquerda ($_{-}\dagger$), isso porque sua OP está “para medial” (\square) e seu eixo “para cima” (\square), o que faz parte do padrão. O mesmo ocorre com o eixo da palma mão direita (\perp), em razão da OP estar “para baixo” (\square) e seu eixo estar “para frente” (\square), o que também faz parte do padrão. Assim, a escrita deste sinal em ELiS é $_{-}\dagger.i.\square\square\square\square$ - \leftarrow , utilizando a mesma regra de anatomia do polegar.

Deparamo-nos ainda com o sinal CALMO, apresentado em seguida.

Figura 7: Verbete “calmo”



calmo(a) (2) (pessoa)
(sinal usado em: **SP, RJ, MS, SC, RS**) (inglês: *calm, serenity, tranquility, calmness, equanimity, lenience, peace*): adj. m. (f.). Sereno, sossegado, tranquilo. Ex.: Quando estou nervoso na cidade, saio para o campo, e lá me sinto calmo. Calma: s. f. Paz, tranquilidade, quietude, serenidade. Ex.: Quando observo a natureza, sinto calma e paz. (Mãos horizontais abertas, palmas para trás, tocando o peito. Movê-las lentamente para baixo, duas vezes.)



Etimologia. Morfologia: Trata-se de sinal formado pelo morfema *Sentimento - Emoção* codificado pelo local de sinalização na região do peito e expressão facial correspondente ao tipo de sentimento (com conotação triste, ou comiserativa, ou ansiosa, ou medrosa, ou brava, ou enjoada, ou nostálgica, como nos sinais SENTIMENTO - SENTIR, PALPITAR, ORGULHO, ÉTICA, CRIA, CONFESSAR e PROTEGER), (ou com conotação agradável, como nos sinais AMAR - PAIXÃO, GOSTAR, APRECIAR, ALÍVIO e ADORAR), (ou com conotação de motivação positiva, como nos sinais DESEJO SEXUAL, ORGULHO, TESÃO, REPOUSAR, FESTEJAR, AMIGO, e ENCORAJAR). **Iconicidade:** No sinal CALMO, o sinalizador toca o peito com as mãos espalmadas e as move lentamente para baixo, duas vezes. A noção de acalmar é representada analogicamente pelo movimento lento para baixo e duplo.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 617).

Neste sinal, o registro do eixo da palma da mão também se torna obrigatório, uma vez que a OP está “para trás” (\square) e para que ela se volte para a horizontal seu eixo precisa estar

“para a medial” (☐). Desse modo, sugerimos que esse sinal seja escrito // $_+^{\square}\square\downarrow$; com o polegar na horizontal.

Encontramos também essa obrigatoriedade de se escrever o eixo da palma da mão no sinal ACONSELHAR, apresentado a seguir. Neste caso, a palma de ambas as mãos se encontram para a medial (☐) e, para que as pontas dos dedos se voltem para frente, é indispensável o uso do diacrítico “◻” (para frente). Outro ponto interessante é a nomenclatura usada para se referir ao PA da mão direita, “região entre o polegar e o indicador”, que em ELiS se resume em tocar o intervalo entre estes respectivos dedos e é escrito por meio do visografema “☐” (intervalo entre dedos). Como resultado, temos a escrita // $_+^{\square}\square\downarrow\downarrow$; para o sinal ACONSELHAR.

Figura 8: Verbetes “aconselhar”



aconselhar (1) (advertir) (sinal usado em: **SP, RJ, MS, PR, SC, RS**) (inglês: *to advise, to counsel (to admonish), to alert, to forewarn, to caution, to alarm*); *v. t. d. Dar conselhos. Dar conselho a. Recomendar. Advertir. Censurar. Repreender. Ex.: Seu filho não sabe que atitude tomar. Você precisa aconselhá-lo.* (Fazer este sinal **CONSELHO**: Mão esquerda horizontal aberta, palma para a direita, polegar distendido para a direita; mão direita horizontal aberta, palma para a esquerda, tocando a região entre o polegar e indicador direitos, polegar direito tocando o dorso da mão esquerda. Mover a mão direita para frente, até as pontas dos dedos esquerdos, duas vezes.)

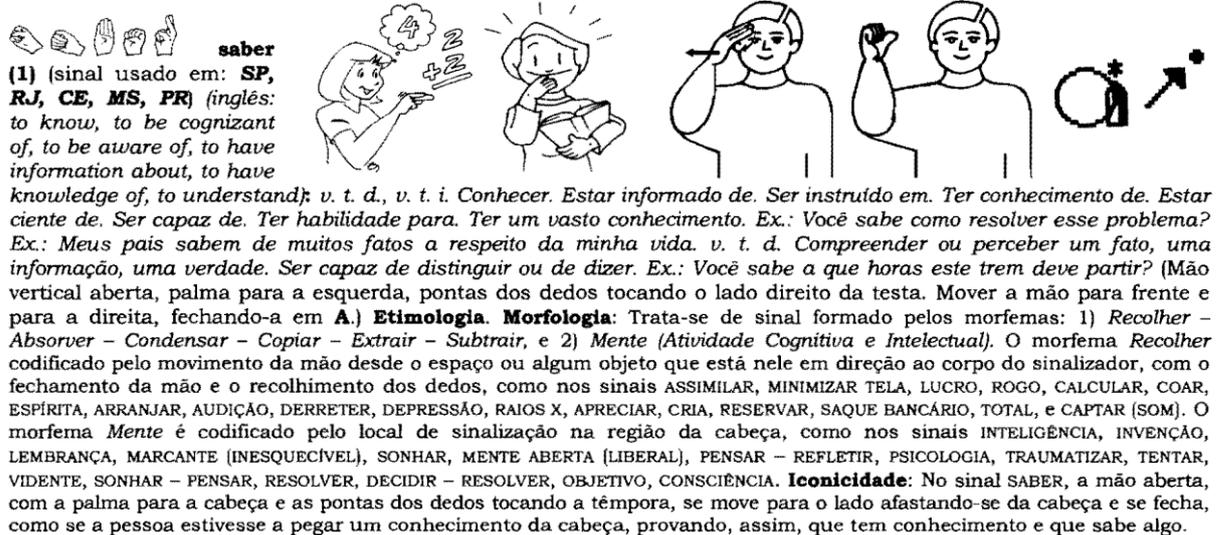
Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 273).

Os sinais de SABER 1 e SABER 2, se referem a uma variação em uso na língua, visto que podemos encontrar os dois tipos de sinais na comunidade surda. Aqui também utilizamos a regra da anatomia do polegar pois este não atribui significado ao sinal, mantendo a mesma compreensão se escrito na horizontal (-). Assim, a grafia desses sinais em ELiS deve ser com a CD “ $_+$ ”.

Notamos que em SABER 1 é indispensável o uso do diacrítico de lateralidade “>”. Pois, sem marcar a lateralidade o sinal seria feito no centro da testa e não teria significado em Libras. Outro ponto importante é o movimento utilizado durante a realização do sinal, visto que em ELiS temos o movimento “☐” (flexionar os dedos na primeira articulação) que naturalmente

fecha os dedos em “A”, sendo a mão afastada da lateral da testa por meio do movimento “↘”. Desse modo, escrevemos $_ \dagger \square = \succ \uparrow$ para SABER 1.

Figura 9: Verbetes “saber 1”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2202).

O sinal SABER 2 também exige o uso do diacrítico de lateralidade “>” e sua escrita em ELiS é $_ \dagger \square = \succ \leftarrow$.

Figura 10: Verbetes “saber 2”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2203).

Ao longo das análises, percebemos que muitos sinais em que a(s) mão(s) estava(m) aberta(s) durante sua execução, ficava evidente a requisição da escrita dos demais dedos⁸ unidos (†), independente da forma assumida pelo polegar. Reparando isso, propomos o estabelecimento de uma regra, a qual nomearemos “regra da mão em contato”. Notamos que esse fenômeno sempre ocorria quando a mão aberta (seja ela ativa ou passiva) estava em contato com alguma parte do corpo, como nos sinais de SAPO, COMEÇAR, PERGUNTAR, NEGATIVO, CALMO, ACONSELHAR, SABER 1 e SABER 2 supracitados e nos sinais

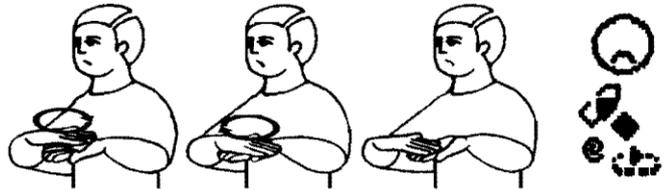
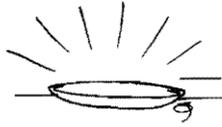
⁸ Usaremos o termo “demais dedos” para referir a todos os dedos da mão com exceção do polegar.

NADA, CORAGEM, DESCOBRIR, BOQUIABERTO 1, BOQUIABERTO 2 e TODO (A) que apresentaremos agora.

Figura 11: Verbetes “nada”



nada
(1) (sinal usado em: **SP, RJ, MS, SC, MG, CE, PB, RS**) (inglês: nothing); pron. indefinido substantivo invariável, e adv. negação. Nenhuma coisa. Ex.: Estou com



fome e não há nada na geladeira para eu comer. (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita aberta, palma para baixo, tocando a palma esquerda. Mover a mão direita em círculos horizontais para a direita (sentido horário) sobre a palma esquerda, com expressão negativa.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Negação - Ausência*, codificado por expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça, como nos sinais NÃO ENTENDER, NÃO CONHECER, NÃO COMBINAR, NÃO DESANIMAR, NÃO, NÃO CONCORDAR, ANALFABETO, NÃO ADIANTA, DESEMPREGADO, e DESCONFIA. **Iconicidade:** No sinal NADA, estando o sinalizador com expressão facial negativa (de ausência) e mão de apoio aberta com palma para cima, a mão dominante aberta com a palma para baixo toca a palma de apoio e então se move em círculos horizontais no sentido horário sobre a palma esquerda, como a indicar que não há nada ali.

Fonte: Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2202).

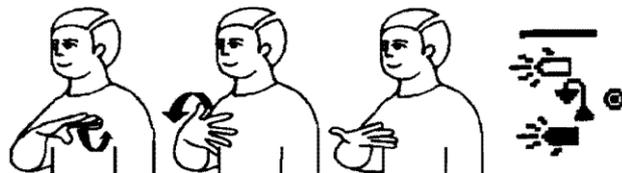
Neste sinal, o fato de a palma das duas mãos manterem contato (□), implica na obrigatoriedade da escrita da CD com os demais dedos unidos (†), segundo a regra do contato. Portanto, esse sinal deve ser escrito como // - † □ □ □ - ○. Ressaltamos que o movimento circular “○” possui repetição inerente, dispensando o uso do diacrítico de repetição “ˆ”.

No sinal CORAGEM, observamos uma contradição com a regra do contato, pois o sinal é apresentado, tanto na descrição quanto na ilustração, com os demais dedos separados. Porém, ao pesquisarmos e por nossa experiência pessoal, discernimos que os dedos separados não atribuem significado específico ao sinal. Assim, por ser este um sinal que também possui contato com o corpo, subentende-se que os demais dedos devam estar unidos (†), mesmo que o polegar esteja “\” (3D). Como a OP nesse sinal está “para baixo” (⊖) e seu “eixo para a medial” (⊞) é indispensável o uso do diacrítico “⊞”.

Figura 12: Verbetes “coragem”



coragem (sinal usado em: **SP, RJ, MS, CE, MG, PR, SC, RS**) (inglês: courage, bravery), corajoso(a) (inglês: courageous); Coragem:



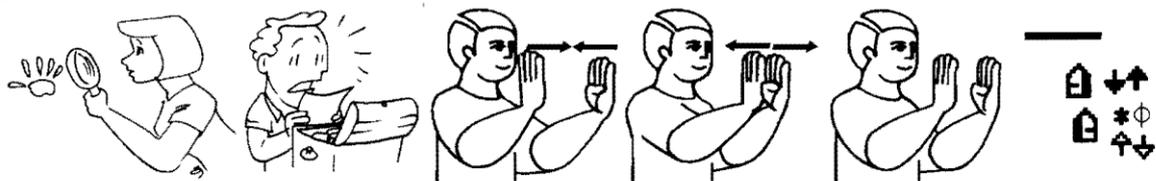
s. f. *Bravura quando diante do perigo. Firmeza frente à adversidade. Resolução quando outros hesitam. Desembaraço em meio à indecisão. Força quando só vê esmorecimento. Ousadia frente à passividade. Intrepidez quando todos se encolhem. Ânimo firme diante do sofrimento. Constância frente à volubilidade. Perseverança quando todos desistem. Franqueza frente à hipocrisia alheia. Ex.: Precisamos de homens de coragem para enfrentar os desafios de um país repleto de incertezas na era da globalização.* Corajoso(a): adj. m. (f.). *Que tem coragem. Bravo. Intrépido. Firme. Destemido. Resoluto. Ousado. Ex.: É preciso ser corajoso para andar na corda bamba, num espetáculo circense.* (Mão aberta, palma para baixo, dedos separados e apontando para a esquerda, com dorso do polegar tocando o peito. Mover a mão ligeiramente para cima, virando a palma para cima.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Sentimento – Emoção* codificado pelo local de sinalização na região do peito e expressão facial correspondente ao tipo de sentimento (com conotação triste, ou comiserativa, ou ansiosa, ou medrosa, ou brava, ou enjoada, ou nostálgica, como nos sinais SENTIMENTO – SENTIR, PALPITAR, ORGULHO, ÉTICA, CRIA, CONFESSAR e PROTEGER), (ou com conotação agradável, como nos sinais AMAR – PAIXÃO, GOSTAR, APRECIAR, ALÍVIO e ADORAR), (ou com conotação de motivação positiva, como nos sinais DESEJO SEXUAL, ORGULHO, TESÃO, REPOUSAR, FESTEJAR, AMIGO, e ENCORAJAR). **Iconicidade:** No sinal CORAGEM - BRAVURA, a mão aberta, com palma para baixo, dedos espalhados apontando para esquerda, e dorso do polegar tocando o peito, gira num arco para cima e para frente, virando a palma para cima.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 840).

Em relação ao movimento, mesmo que na descrição do sinal apareça “mover a mão ligeiramente para cima, virando a palma para cima”, em ELiS o visografema “L” (girar o antebraço) é suficiente para a compreensão e padronização da escrita desse sinal. Dessa forma, sugerimos que o sinal CORAGEM em ELiS seja $\vee \uparrow \square \square \square \text{L}$.

No sinal DESCOBRIR, indicado abaixo, encontramos um caso semelhante ao sinal CORAGEM em relação ao tratamento da CD, pois, por manter contato em sua lateral (\square), os demais dedos devem estar unidos (\uparrow) em sua escrita, mesmo que o polegar esteja “/” (na palma). Ressaltamos ainda, que a expressão “palma a palma” utilizada na descrição do sinal equivale ao visografema “ \square ” (palma para a medial).

Figura 13: Verbetes “descobrir”



descobrir (1) (desvendar mistérios) (sinal usado em: **SP, SC**) (inglês: *to discover, to uncover, to disclose*); v. t. d. *Tomar conhecimento de (algo); perceber, notar. Dar a conhecer (alguma coisa) até então ignorada. Ex.: O detetive descobriu o mistério daquele roubo. Ex.: O policial descobriu o assassino.* (Mãos em **B**, palma a palma, mão esquerda à frente da direita. Mover as mãos uma em direção à outra, batendo-as com força pelo indicador esquerdo e o mínimo direito. Então, separá-las novamente.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 941).

Neste sinal, o que especifica seu significado é o encontro das mãos, pois nos transmite o conceito de identificar a existência de algo. Para tanto, o PA que liga uma mão a outra, nesse caso a lateral do dedo (\square), deve vir acompanhado do diacrítico de contato, que consiste em um traço que sublinha o(s) visografema(s) do PA onde o contato é executado. Podemos observar que na descrição do sinal existe a necessidade de informar quais dedos terão contato durante sua execução – “indicador direito e mínimo esquerdo” – porém, em ELiS não existe essa

necessidade, visto que o fato de uma mão estar à frente da outra pressupõe que a lateral do dedo indicador de uma das mãos terá contato com o dedo mínimo da outra mão.

Salientamos ainda que, sinais bimanuais simétricos compartilham o mesmo PA em sua realização e, por esse motivo, dispensam a repetição de sua escrita. Sendo assim, no sinal DESCOBRIR, em que as duas mãos se tocam pela lateral do dedo () , esse visogrfema precisa ser escrito apenas uma vez, indicando que ambas as mãos possuem o mesmo PA.

No que diz respeito ao movimento, o mesmo deve evidenciar o conceito de identificação subentendido no sinal. Assim, o movimento que retrata o significado do sinal em questão é “” (para frente e para trás), que deve vir acompanhado do diacrítico “” (movimento alternado), para que as mãos possam bater uma contra a outra. Desse modo, a grafia que resulta na construção do significado do sinal DESCOBRIR em ELiS é //†”.

Em relação ao sinal BOQUIABERTO, nossa primeira observação deve ser a variação apresentada pelo dicionário para sua sinalização, podendo ser encontradas as duas formas em uso na Libras, assim como o sinal SABER apresentado anteriormente. Aqui, a diferença na sinalização se caracteriza pelo uso, ou não, da mão de apoio.

Para o sinal BOQUIABERTO 1, utilizamos a mão aberta “” com o polegar na horizontal e os demais dedos unidos, seguindo as duas regras propostas até o momento: anatomia do polegar e regra do contato. Destacamos ainda, que mesmo a descrição apontando que o sinal é feito com a palma da mão para cima, a execução desse sinal fica muito desconfortável dessa forma. Percebemos que mesmo na ilustração a mão não se configura totalmente para cima, mas inclinada para trás. Posto isso, sugerimos que a escrita desse sinal seja com a palma da mão para trás ().

Evidenciamos também, por meio da ilustração e de nossas experiências pessoais, que o movimento exercido pelo sinal não se restringe à “para baixo”, como aparece na descrição, mas sim, a um movimento mais amplo, cerca de 90°. Em ELiS, esse movimento de 90° é representado por “” (flexão / extensão do braço). Desse modo, a escrita desse sinal em ELiS é °. Lembramos que a “boca aberta” (°) é uma expressão não manual e por isso é considerada, em ELiS, um movimento. Por esse motivo, é escrita em forma de diacrítico no grupo do movimento.

Figura 14: Verbetes “boquiaberto 1”



boquiaberto(a) (1) (sinal usado em: **RJ, RS**) (inglês: *amazed, stunned, dumbfounded, open-mouthed*): adj. m. (f). Admirado. Pasmado. Estupefato. Cheio de admiração. Ex.: Ficou boquiaberto diante da revelação. (Fazer este sinal **PASMO**: Mão aberta, palma para cima, tocando o queixo. Movê-la para baixo, abrindo a boca e com expressão de espanto.)



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 559).

O sinal BOQUIABERTO 2, possui as mesmas características analisadas em BOQUIABERTO 1, porém, aqui nos deparamos com um sinal composto. Para a composição deste sinal, a mão esquerda aparece somente como mão de apoio e, por isso, só é evidenciada na segunda parte do sinal, quando tem participação efetiva em seu significado.

Um fato interessante na descrição de BOQUIABERTO 2 é que a mão direita (mão ativa) é descrita com a palma para trás, diferentemente do que nos foi apresentado em BOQUIABERTO 1, mas fica claro, pela ilustração, que a mão se encontra na mesma posição nos dois casos. Assim, reforçamos o questionamento apresentado anteriormente sobre o desconforto em produzir este sinal com a palma da mão para cima e que o mesmo deve ser feito com a palma para trás.

Por se tratar de um sinal composto em ELiS, o mesmo terá a escrita de duas palavras que, juntas, irão compor o sinal. A primeira parte do sinal se restringe a mão ativa tocando o queixo “ $_+ \uparrow \square \sqcup$ ” enquanto, na segunda parte, esta mesma mão desce ao encontro da mão de apoio ao passo que a boca se abre “ $_// _+ \uparrow \square \sqcup \downarrow \circ$ ”, sendo as duas partes da palavra ligadas por meio do sinal gráfico “ $_ \cdot _$ ”. A composição destas duas palavras resulta na escrita do sinal $_+ \uparrow \square \sqcup _ \cdot _ // _+ \uparrow \square \sqcup \downarrow \circ$ (BOQUIABERTO 2) em ELiS.

Figura 15: Verbetes “boquiaberto 2”



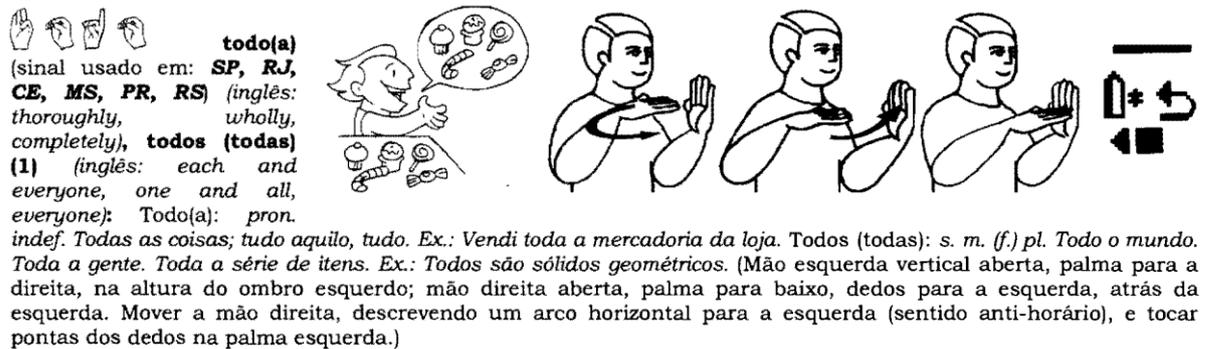
boquiaberto(a) (2) (sinal usado em: **SP, RJ, SC, RS**) (inglês: *amazed, astonished, frightened, scared, stunned, dumbfounded, open-mouthed*): Idem **boquiaberto(a) (1)**. Ex.: Todos ficaram boquiabertos com o acidente. (Fazer este sinal **ATÔNITO**: Mão esquerda aberta, palma para cima, dedos apontando para frente; mão direita vertical aberta, palma para trás, pontas dos dedos tocando o queixo. Mover a mão direita para baixo, virando a palma para cima e tocar o dorso dos dedos na palma esquerda, com a boca aberta e os olhos arregalados.)



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 559).

O sinal TODO(A), apresentado a seguir, também segue as regras de anatomia do polegar e a regra da mão em contato. Devemos ressaltar o uso do diacrítico “ \square ” para informar o eixo da palma da mão direita e permitir que as pontas dos dedos se voltem para a esquerda. Logo, a escrita desse sinal em ELiS é $_t_t^{\square}\square\square\square\square\text{-o}$.

Figura 16: Verbete “todo(a)”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2379).

Para a regra da mão em contato, porém, elencamos três exceções⁹ em que os demais dedos estarão separados. A primeira está relacionada ao movimento “ \curvearrowright ” (tamborilar de dedos), uma vez que para realização desse movimento os dedos da mão devem estar separados, dado que, caso os dedos estejam unidos, o movimento será “ \curvearrowleft ” (friccionar de dedos). Desse modo, mesmo que a mão esteja em contato com alguma parte do corpo, deverá ser escrita com os demais dedos separados, como no sinal $_l\square\square\curvearrowright$: (DOENTE), em que os dedos tocam o dorso da mão de apoio (\square) enquanto realizam o movimento “ \curvearrowright ”.

A segunda exceção diz respeito aos casos em que o contato do sinal for feito no intervalo entre os dedos dos demais dedos (\square), assim, a mão que carregar esse PA deverá estar com os demais dedos separados. Exemplo disso é o sinal $_l^{\square}\square\square\square\circ$ (CAMINHÃO), em que os dedos se entrelaçam por meio do contato no intervalo entre eles. Também utilizamos “ \square ” para escrever o contato entre dedos indicador e polegar, como no sinal $_l^{\square}\square\square\square\square\text{-}_l$: (ACONSELHAR) analisado anteriormente. Porém, essa exceção nem sempre se aplica ao uso do PA “ \square ” quando envolvemos o polegar, pois o mesmo pode estar em contato com outro dedo, como no sinal $_l^{\square}\square\square\square\square$ (VÍNCULO).

Por último, será atribuída uma exceção caso a separação dos demais dedos influencie diretamente no significado do sinal, como em $_l^{\square}\square\square\text{-}_l^{\square}$ (QUARTA-FEIRA), visto que esse sinal representa o número 4, pois se refere ao quarto dia da semana, e os números em Libras

⁹ Agradeço ao meu amigo Leandro Viana por me auxiliar na elaboração destas exceções.

são sinalizados com os dedos separados. Enfatizamos que, em sinais onde o significado tenha por característica a incorporação de número, o mesmo deve ser escrito com os demais dedos separados.

Lembramos ainda que podem existir sinais que referenciem nomes de pessoas ou lugares que sejam realizados com os dedos separados. Caso existam sinais nessas condições, os mesmos deverão ser escritos da forma como são sinalizados, por se tratar de sinais próprios. Não encontramos esses tipos de sinais em nossas análises e nas pesquisas realizadas, mas, caso existam, serão vistos como uma nova exceção à regra da mão em contato.

Nos casos em que a(s) mão(s) aberta(s) não têm contato com o corpo as regras ainda precisam ser convencionadas. Encontramos três sinais com essa característica, mas é necessário um número abrangente de sinais para conseguirmos encontrar algum padrão e sugerir regras para sua escrita. Os sinais encontrados foram PASSADO, MAS e MORRO, que serão expostos a seguir.

Figura 17: Verbetes “passado”



passado(a) (sinal usado em: **SP, RJ, MS, MG, SC, PB, CE, BA, RS**) (inglês: *past, gone, ended, finished; the past*): adj. m. (f.). O que já ocorreu, anterior, vencido, velho. Ex.: O ano passado nos deu muitas alegrias. s. m. O tempo que já se foi, tempo passado. Ex.: O passado pertence à memória, assim como o futuro pertence a Deus. (Mão vertical aberta, palma para trás, ao lado da cabeça. Dobrar a palma para baixo.) **Etimologia.** **Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Passado* – Antes no tempo, codificado pelo movimento para trás, como no sinal ANTIGO, ou pelo movimento circular no sentido anti-horário, como nos sinais ONTEM, ANTEONTEM, e ANTECIPAR. **Iconicidade:** No sinal PASSADO, o sinalizador com a mão aberta, palma para trás, ao lado da cabeça move os dedos para trás dobrando a palma para baixo, como a representar a ideia de que algo ficou para trás no tempo.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1906).

No sinal PASSADO, mostrado acima, nos deparamos com a mesma expressão “mão aberta” na descrição do sinal. Neste caso, podemos aplicar a regra da anatomia do polegar e, mesmo sem ter contato com o corpo, este sinal é feito com os demais dedos unidos. Dessa forma, a escrita deste sinal em ELiS é $_{-}\uparrow\text{H}\text{L}$. O movimento de dobrar o punho (L) possibilita que a palma da mão se volte para baixo, afirmando a iconicidade deste sinal.

Identificamos a mesma adequação à regra da anatomia do polegar e o uso dos demais dedos unidos no sinal MAS 2, como veremos a seguir. Salientamos, por meio de nossas experiências pessoais, que o movimento realizado pela cabeça na composição do sinal não é utilizado na fala cotidiana e não provoca alteração de significado, podendo ter sido empregado

para enfatizar o sinal. Por esse motivo, escrevemos o sinal MAS 2 em ELiS como $_ \uparrow \boxtimes \square _$, sem o movimento com a cabeça.

Figura 18: Verbete “mas 2”

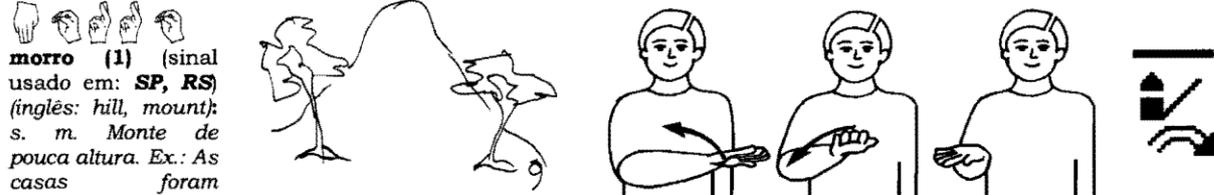


mas (2) (sinal usado em: **SP, RS**) (inglês: *but, however, still, yet, even*); *Idem mas (1)*. Ex.: *Iremos à festa juntos, mas não ficarei por muito tempo.* (Mão vertical aberta, palma para frente. Movê-la ligeiramente para frente, inclinando a cabeça para o lado.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1658).

O sinal MORRO também nos permite o uso das mesmas regras de tratamento do polegar e dos demais dedos aplicadas nos sinais PASSADO e MAS 2 apresentados anteriormente. Resultando na escrita $_ \uparrow \boxtimes \square \curvearrowright$ em ELiS.

Figura 19: Verbete “morro”



morro (1) (sinal usado em: **SP, RS**) (inglês: *hill, mount*); s. m. *Monte de pouca altura.* Ex.: *As casas foram construídas no topo do morro.* (Mão aberta, palma para baixo. Movê-la em um arco vertical para a direita (sentido horário).)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1745).

Lembrando que aqui não estamos propondo nenhuma regra para a escrita de sinais descritos como “mão aberta” e que não tenham contato com o corpo, uma vez que precisamos de um número maior de exemplos para fazer esse tipo de análise. Inteiramos que, por meio de nossas experiências pessoais e convívio com a comunidade surda, sabemos da existência de vários sinais em Libras que exigem o uso dos demais dedos separados para a compreensão de seu significado. Na próxima seção discutiremos acerca dos demais sinais utilizados no decorrer de nossa tradução.

3.2 O USO DA ELiS NOS DIVERSOS TIPOS DE SINAIS

Para a composição dos sinais em ELiS contamos com um número limitado de visografemas que são combinados infinitas vezes, assim como ocorre com as demais escritas alfabéticas. Esse fator, como exposto em outras seções de nossa pesquisa, resulta em uma diminuição significativa do número de visografemas a ser utilizados e, com isso, proporciona fluidez no processo de leitura e escrita. Nessa seção, iremos expor a praticidade desta escrita e seu uso nos diversos tipos de sinais que compõem nossa pesquisa.

Ao observar nosso corpus, percebemos um grande número de sinais bimanuais simétricos. Esse tipo de sinal permite uma grande redução no número de visografemas a serem utilizados pois são escritos da mesma forma dos sinais monomanuais, precisando apenas da adição do sinal gráfico “//” antes do início da palavra, afirmando que se trata de um sinal produzido com as duas mãos e que ambas possuem visografemas em comum.

O sinal para CAMPEONATO é um dos nossos exemplos de sinal bimanual simétrico, em que todos os visografemas que integram o sinal são compartilhados pelas duas mãos. A seguir, analisaremos a escrita deste sinal em ELiS.

Figura 20: Verbetes “campeonato”

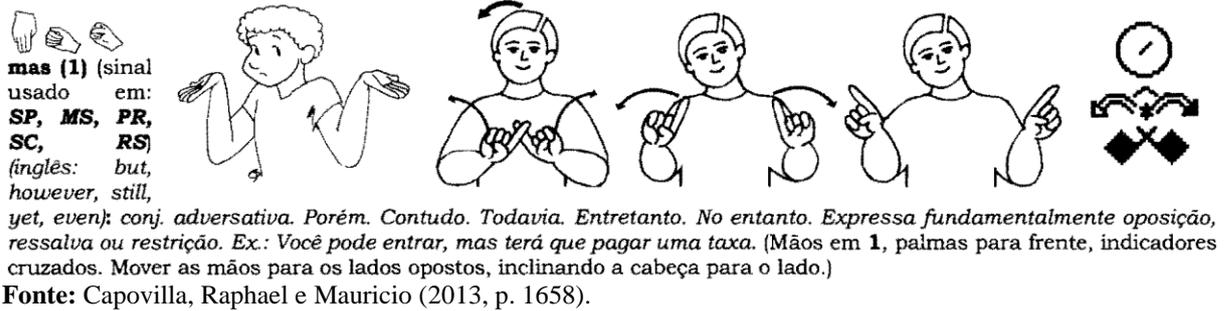


Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 627).

No sinal CAMPEONATO, exposto acima, percebemos a necessidade da inclinação das palmas das mãos para baixo. Em ELiS não é necessário a incorporação de nenhum visografema para efetivar essa marcação, uma vez que, automaticamente as palmas se inclinarão para baixo ao cruzarmos os dedos, comportando assim, o sentido pedido pelo sinal. Deste modo, a escrita do sinal CAMPEONATO em ELiS é //i.□□↓.

Outro exemplo de sinal bimanual simétrico que usaremos em nossa tradução é o sinal MAS 1, apresentado abaixo:

Figura 21: Verbetes “mas 1”



Verificamos na descrição do sinal MAS 1 a necessidade de inclinar a cabeça para o lado. Este fato nos remete à mesma explicação feita no sinal MAS 2, visto que, provavelmente, este movimento com a cabeça é feito com a intenção de enfatizar o sinal, não sendo um elemento obrigatório para a compreensão de seu significado. Logo, a escrita do sinal MAS 1 em ELiS é $\#.l.\boxplus\boxplus\boxplus\boxplus+$, sem o movimento com a cabeça.

No sinal COISAS, a seguir, notamos que tanto na descrição quanto na ilustração o mesmo aparece com a configuração em “U”. Porém, em nosso convívio com a comunidade surda e após analisar o vídeo “O príncipe sapo ou Enrique de ferro” onde a sinalizadora faz, aos 2:47 minutos, o sinal COISAS com a mão em “V”, propomos que este sinal seja escrito com a CD “ll.” (letra “V” do alfabeto manual). Salientamos ainda, a obrigatoriedade do uso do diacrítico de eixo da palma “ \boxplus ” (para a medial) para que a ponta dos dedos se voltem para o centro.

Outro ponto importante é a descrição do PA utilizado para a escrita em ELiS. Neste sinal, a mão direita aparece atrás da mão esquerda, tanto na descrição quanto na ilustração do sinal. Porém, no convívio com a comunidade surda, podemos nos deparar com várias formas de utilização do espaço de sinalização para produção do sinal COISAS, como uma mão sobre a outra, uma mão ao lado da outra ou uma mão à frente da outra, como nos é apresentado abaixo:

Figura 22: Verbetes “coisas”



Embora este sinal permita variação em sua sinalização, podendo até ser visto como um alofone da Libras, não podemos permitir mais de uma forma em sua escrita. Desse modo, propomos que o mesmo seja escrito tendo como PA “□” (espaço neutro), pois torna a escrita mais simples e permite maior fluidez na leitura.

Temos ainda como característica a combinação simultânea de mais de um movimento neste sinal e, por esse motivo, devemos nos atentar à ordem de escrita destes movimentos. Como vimos outrora, os movimentos de braços devem ser escritos primeiro, ocupando a posição de visografema, e os demais movimentos devem ser escritos como diacríticos.

Para a escrita do sinal COISAS em ELiS, devemos nos atentar ainda à forma de repetição dos movimentos, pois, neste caso, os braços se afastam (++) apenas uma vez, ao passo que os dedos repetem o movimento de tamborilar os dedos (^) no decorrer de todo o sinal. Aqui percebemos que o diacrítico de repetição deve acompanhar o movimento secundário do sinal, pois somente este se repete. Posto isso, sugerimos que a escrita do sinal COISAS em ELiS seja //.#.□□++^:

O uso do espaço neutro (□) como PA também se faz presente no sinal PRECISAR, como podemos observar a seguir:

Figura 23: Verbetes “precisar”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2029).

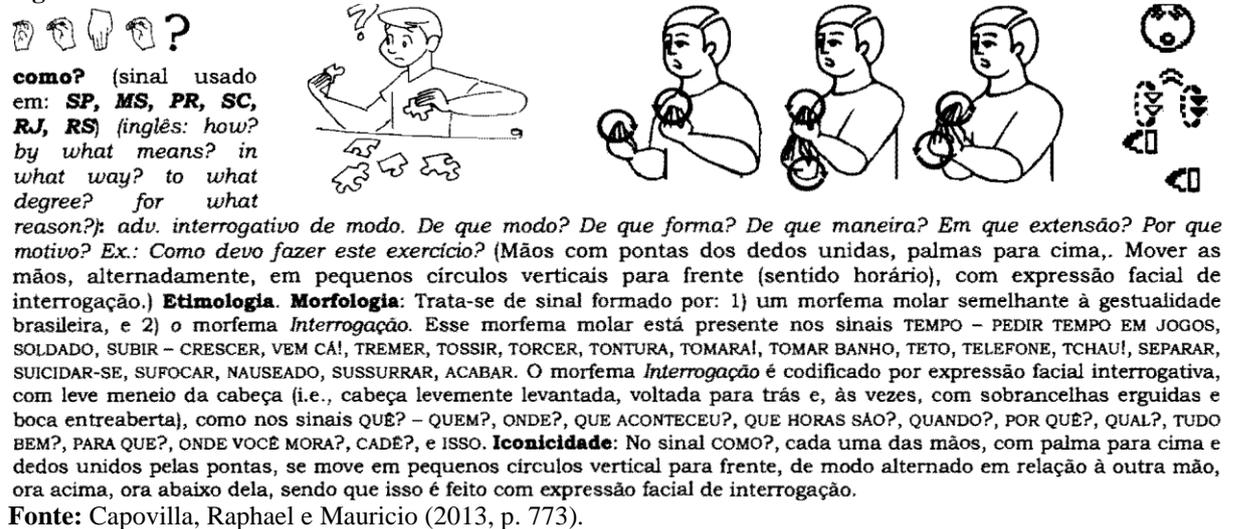
Neste sinal, mesmo que a descrição e a ilustração sugiram a CD “i.” com os indicadores destacados, nos deparamos frequentemente com seu uso em “i.” (letra “A” do alfabeto manual), inclusive no vídeo “O príncipe sapo ou Enrique de ferro”, aos 6:58 minutos. Neste sinal também se torna indispensável o uso do diacrítico de eixo da palma “□” (para a medial) para que os eixos das mãos se voltem para o centro.

Olhando a descrição percebemos que o movimento proposto para este sinal é “para baixo e para cima”, porém, ao observarmos a ilustração notamos que o movimento realizado é

de mover o punho lateralmente (\leftarrow), sendo este o movimento que melhor representa o sinal PRECISAR. Salientamos ainda, que a expressão facial “testa franzida” é usada para enfatizar o sinal, sendo dispensada sua escrita em ELiS. Assim, a escrita deste sinal em ELiS será $\text{//.}\square\square\leftarrow$:

Para a composição do sinal COMO em ELiS precisamos analisar, em primeiro lugar, como é feito o contato dos demais dedos com a ponta do polegar, pois, dependendo do formato assumido pelas mãos poderemos ter CD's distintas. Como podemos observar na ilustração¹⁰, os dedos se encontram inclinados (\searrow) e, como vimos outrora, basta acrescentar diacrítico “.” acima do visografema dos demais dedos para que os mesmos se unam ao polegar (\searrow).

Figura 24: Verbete “como”



Mas, e quanto à expressão facial de “interrogação” requerida pelo sinal? Aqui temos mais um caso de intensificação do sinal, não sendo necessário o registro em ELiS. Assim sendo, a escrita do sinal COMO em ELiS é $\text{//}\searrow\square\square\circ$.

O sinal ESFORÇAR-SE, a seguir, conta com a CD “.”, usada quando todos os dedos estão fechados. Neste sinal, as mãos se encontram inicialmente com as palmas para baixo e se voltam para cima ao passo que se movem para a frente. Em ELiS, o movimento de girar o antebraço (\leftarrow) permite que as palmas se voltem automaticamente para cima. Salientamos ainda que a expressão facial séria sugerida para esse sinal é usada para enfatizá-lo e, por esse motivo, é dispensável. Dessa forma, o sinal ESFORÇAR-SE em ELiS é $\text{//.}\square\square\leftarrow$.

¹⁰ Na descrição deste sinal não fica clara a configuração assumida pela mão, uma vez que, em ELiS, as “mãos com as pontas dos dedos unidas” podem assumir a CD em “ \searrow ” (letra “O” do alfabeto manual) ou em “ \wedge ” (formato apresentado na ilustração do sinal).

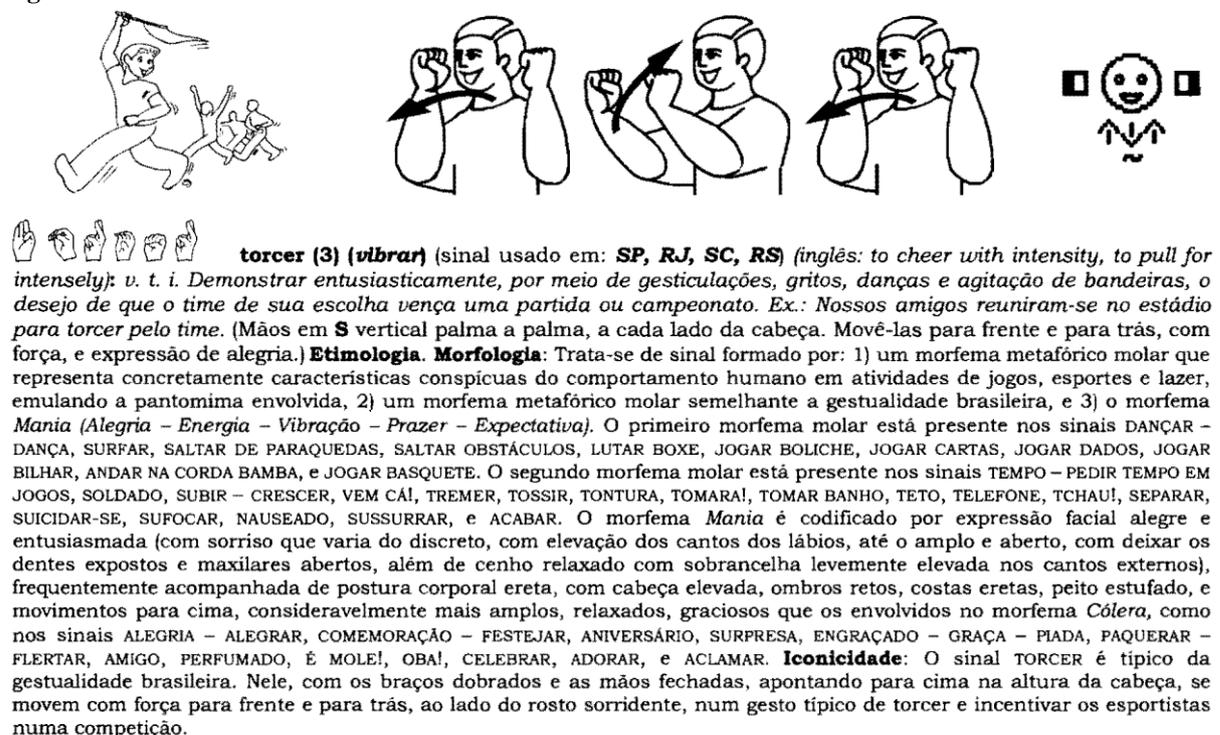
Figura 25: Verbetes “esforçar-se”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1112).

Na escrita do sinal TORCER, apresentado abaixo, também utilizamos a CD “.”, pois todos os dedos se encontram fechados. Destacamos que, neste sinal, não é permitido o uso do diacrítico de lateralidade (lado direito “>” ou lado esquerdo “<”) uma vez que se trata de um PA duplo “-I-” (lateral da cabeça), ou seja, há um par de articuladores possíveis. Logo, a escrita do sinal TORCER em ELiS será //•.□-I-±. Lembrando que o movimento “±” (para frente e para trás) já possui repetição embutida e, por esse motivo, não se usa o diacrítico de repetição “~”.

Figura 26: Verbetes “torcer”



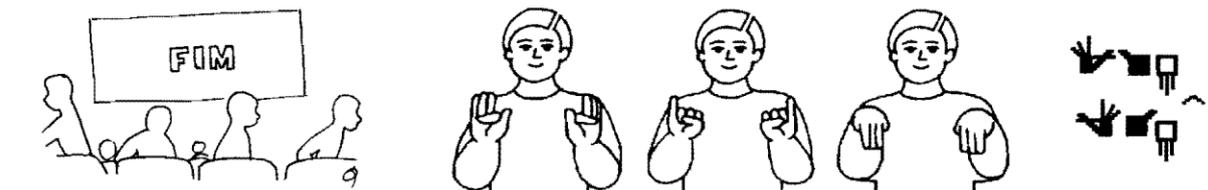
Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2386).

O sinal FIM apresentado no dicionário é feito por meio da soletração, ou seja, pela combinação sequencial das letras que formam a palavra. Geralmente este sinal é escrito como

///\M☒L, com a CD das duas mãos em “F” (N), OP para frente (☒), PA no espaço neutro (☐) e movimento de dobrar o punho (L) para que a palma se volte para baixo. Essa é uma variação na forma em uso da língua, porém, também encontramos a forma indicada no dicionário no uso cotidiano.

Em ELiS não existem registros de sinais soletrados com as duas mãos, uma vez que estes são casos raros e não encontramos outro sinal com essas características além do sinal FIM. Propomos aqui que a escrita deste sinal siga a mesma estrutura de um sinal bimanual simétrico, pois todos os visografemas são compartilhados pelas duas mãos. Então, o sinal FIM em ELiS deve ser ///\...l.##.☐, com o sinal gráfico “//”, indicando que as duas mãos participam do sinal seguido da soletração manual do mesmo. Lembrando que é obrigatório o uso do diacrítico “☐” (para baixo) para indicar a orientação da ponta do dedo na letra “M”. Sugerimos que, caso existam outros sinais soletrados com as duas mãos, estes também sigam as regras dos sinais bimanuais simétricos na sua escrita e sejam escritos com o sinal gráfico “//”.

Figura 27: Verbetes “fim”



fim (sinal usado em: **SP, RJ, SC, RS**) (inglês: *end, ending, conclusion, closing, termination*); s. m. *Final. Término. Conclusão. Remate. Termo. Limite último no tempo ou no espaço. Cessação. Ex.: Depois de dois anos de intensas atividades de pesquisa, o trabalho chegou ao fim.* (Soletrar **F, I, M**, com as duas mãos.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 268).

Dentre os sinais analisados, encontramos também um sinal bimanual quase simétrico que, como dito outrora, tem por característica a equivalência entre os visografemas de um, dois ou até três grupos. Trata-se do sinal FAZER, apresentado abaixo:

Figura 28: Verbetes “fazer”



fazer (1) (sinal usado em: **SP, RJ, MS, PR, CE, SC, RS**) (inglês: *to do, to make, to prepare, to execute, to produce, to realize, to perform*); v. t. d. *Criar. Realizar. Produzir. Executar. Preparar. Dar existência ou forma a. Pôr em prática. Empreender. Ex.: Você precisa fazer a tarefa da escola.* (Mão esquerda em **A** horizontal, palma para trás; mão direita em **A**, palma para baixo. Bater os polegares um contra o outro, próximo às unhas, duas vezes.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1225).

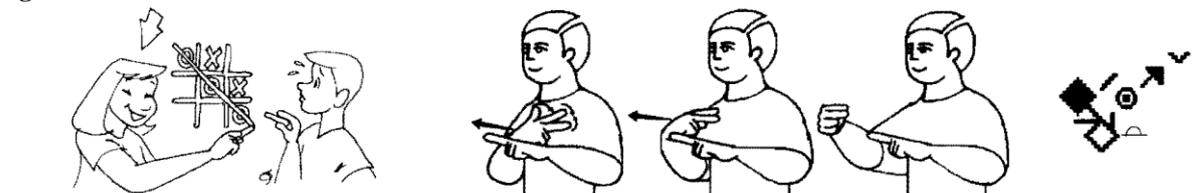
Para a composição do sinal FAZER utilizamos a mesma CD em ambas as mãos, por esse motivo é obrigatório o uso do sinal gráfico “//” no início da palavra. Os demais visografemas seguem a regra da sequência básica, lembrando que primeiro escrevemos o visografema da mão esquerda em depois da mão direita para cada grupo.

Ao analisarmos a organização dos grupos de visografemas, percebemos que a leitura em ELiS será mais clara se a mão direita estiver com a palma para frente, pois evitará o acréscimo de diacríticos e visografemas ao longo da escrita deste sinal. Essa simplificação da escrita se dará pelo fato de permitir que ambas as mãos compartilhem o diacrítico de eixo da palma da mão “☐” (para a medial) e o PA “☐” (ponta do dedo), possibilitando que sejam escritos uma única vez.

Outro ponto importante é o movimento apresentado no dicionário, pois no uso cotidiano da Libras percebemos que seus usuários realizam o movimento com apenas uma das mãos, sendo que a mão direita (dominante) vai ao encontro da mão esquerda (não dominante) com repetidos movimentos para baixo (↓), ao passo que a mão esquerda permanece parada (-). Logo, a escrita do sinal FAZER em ELiS será //l.☐☐☐☐-↓:

Já o sinal VENCER, que mostraremos a seguir, é escrito utilizando as regras dos sinais bimanuais assimétricos, visto que este sinal é composto por duas mãos e possui todos os grupos de visografemas distintos para cada mão. Como vimos, esse tipo de sinal segue a mesma regra básica da sequência de visografemas, porém, é preciso a escrita de dois visografemas para cada grupo, sendo o primeiro para registro da mão esquerda e o segundo para a mão direita.

Figura 29: Verbetes “vencer”



vencer (sinal usado em: **SP, RJ**) (inglês: *to win, to succeed, to triumph, to overcome, to subdue, to overpower, to surmount*; Vencer: *v. t. d., v. int. Ganhar disputa contra. Alcançar vitória sobre. Triunfar sobre. Dominar, sobrepujar, alcançar um objeto com êxito. Ex.: Vencera seus amigos de classe no xadrez. Ex.: Eu venci porque treinei durante meses para a competição.*) (Mão esquerda em **1**, palma para baixo; mão direita horizontal fechada, palma para trás, dedos polegar, indicador e médio distendidos, lado do dedo mínimo direito apoiado no dorso da mão esquerda. Mover mão direita sobre e além do indicador esquerdo, unindo os dedos direitos.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Domínio* codificado pela mão fechada com os dedos indicador, médio e polegar distendidos, como nos sinais ESPERTEZA (ASTÚCIA) – ESPERTO (ASTUTO), ENGANAR – FAZER DE BOBO, SER LUDIBRIADO – SER ENGANADO – ENGANAR-ME, SER VENCIDO – SER DERROTADO – PERDEDOR, SER FEITO DE BOBO, BÉBADO, PARTICULAR – PESSOAL – PRIVADO, e CONVERSAR EM LÍNGUA DE SINAIS. **Iconicidade:** No sinal VENCER (DERROTAR) – VENCEDOR (VITORIOSO) – VITÓRIA, a ideia de exercer ativamente domínio, de ser vencedor, é codificada pelo fato de que a mão que articula o morfema *Domínio* se origina defronte o peito e se move para frente (morfema *Agente*). Nesse sinal, a mão esquerda está em **1**, com palma para baixo e indicador inclinado para cima, ao passo que a mão direita é fechada, com a palma para dentro, e seus dedos polegar, indicador e médio estão distendidos, com o lado do dedo mínimo direito apoiado no dorso da mão esquerda. A mão direita se move sobre e além do indicador esquerdo, enquanto os seus dedos se unem.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2475).

Portanto, para a escrita do sinal VENCER em ELiS, iniciamos com a CD da mão esquerda “.I.” (indicador estendido e demais dedos fechados) seguido da CD da mão direita “.II.” (polegar em 3D, indicador e médio estendidos e demais dedos fechados). Destacamos que a mão direita exige a escrita do diacrítico “ \square ” em sua CD, para que o eixo de sua palma se volte para a medial. Logo após, escrevemos a OP de cada mão que, neste caso, é “ \square ” (para baixo) e “ \square ” (para trás) seguindo a ordem de escrita de cada mão.

O próximo passo é a escrita do PA. Neste ponto, foi preciso fazer uma adequação para melhor entendimento na leitura do sinal em ELiS. A descrição deste sinal nos pede que a mão direita esteja apoiada no dorso da mão esquerda e, posteriormente, realizará um movimento sobre e além do dedo indicador esquerdo. Caso este sinal seja registrado em ELiS tendo o dorso da mão esquerda como PA, o movimento realizado se restringirá ao espaço entre o início e o fim do dorso da mão esquerda, não ultrapassando esse limite. Por esse motivo, a escrita deste sinal em ELiS deve ser feita tendo por PA da mão esquerda, o visografema dedo (\square), que estará em contato com a lateral (\square) da mão direita, possibilitando assim, que o movimento subsequente seja realizado com precisão.

Por fim, escrevemos o movimento realizado pelo sinal. Nesse caso, como somente a mão direita executa algum movimento, é obrigatório o uso do sinal gráfico “-” no lugar do movimento da mão esquerda para indicar que a mesma permanece parada. Em seguida, escrevemos o movimento realizado pela mão direita “.I $\overline{\text{I}}$ ” (para frente + fechar), que permite a mão se mover para frente ao passo que os dedos destacados se unem. Assim, temos como resultado a escrita “.I.II. \square \square \square \square \square -I $\overline{\text{I}}$ ” para o sinal VENCER em ELiS.

Encontramos ainda um caso de sinal composto, ou seja, um sinal que contém mais de uma sílaba ou que se forma por meio da justaposição de dois ou mais sinais. Como dito anteriormente, este tipo de sinal é escrito segundo as regras que o fundamentam, de acordo com o seu tipo de sinal, e se une por meio do sinal gráfico “:.”. O sinal aqui analisado é o de SURDO, que apresentaremos a seguir.

Figura 30: Verbetes “surdo”



surdo(a) (sinal usado em: **SP, RJ, CE, MS, PR, SC, RS**) (inglês: deaf), **Surdo(a)** (inglês: Deaf): surdo(a): adj. m. (f.). Que está privado, no todo ou em sua maior parte, do sentido da audição. Que não ouve. Portador (portadora) de deficiência severa ou profunda. Ex.: Meu amigo não ouve o que está à sua volta, ele é surdo. s. m. (f.). Pessoa surda, portadora de deficiência auditiva profunda ou severa. Ex.: Do ponto de vista médico, o surdo é considerado apenas como deficiente auditivo. Surdo(a): adj. m. (f.). Que pertence à Comunidade Surda e à Cultura do Sinal. Ex.: A Comunidade Surda tem um profundo orgulho de sua língua, que é o principal componente de sua identidade cultural. s. m. (f.). Indivíduo que pertence à Comunidade Surda e à Cultura do Sinal, como sinalizador fluente e membro cultural ativo. Ex.: O Surdo, com “S” maiúsculo, é aquele que pertence a uma cultura sofisticada e com status antropológico próprio; já o surdo, com “s” minúsculo, é aquele que pertence a uma categoria médica como portador de deficiência auditiva. (Mão em 1, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador na orelha direita, virar a palma para trás, e tocar a ponta do indicador nos lábios.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2316).

O sinal SURDO, exposto acima, é considerado composto pois, durante sua execução existe uma mudança do PA que resulta na formação de uma segunda sílaba. Inicialmente o PA é a orelha (L), em seguida, a palma da mão se volta para trás e toca a boca (≡), um PA distinto. Desse modo, temos uma primeira sílaba, formada pelo indicador tocando a orelha “.L.□L” e a segunda sílaba, com o indicador tocando a boca “.L.□≡”. Logo, a escrita deste sinal em ELiS é .L.□L.:.L.□≡.

Os demais sinais utilizados em nossa tradução são monomanuais. Este tipo de sinal tem por característica o uso de apenas uma das mãos durante sua produção. Como dito outrora, para esses sinais é atribuída apenas a regra básica da sequência na escrita dos visografemas. Vejamos como essa regra se aplica no sinal DESISTIR mostrado abaixo.

Figura 31: Verbetes “desistir”



desistir (2) (sinal usado em: **RJ, RS**) (inglês: to give up (of an intent), to abdicate, to desist, to relinquish, to cease, to discontinue, to renounce, to forsake); **Idem desistir (1)**. Ex.: O candidato desistiu da vaga. (Mão vertical com pontas dos dedos unidas, palma para a esquerda, tocando a têmpora. Mover a mão para baixo, apontando os dedos para baixo.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 952).

Neste sinal, devemos nos atentar a obrigatoriedade do uso do diacrítico de lateralidade, uma vez que a testa (≡) é um PA único e, sem essa marcação de lateralidade, o sinal seria realizado no centro da testa. Outro ponto importante é a impressão passada pela ilustração do sinal. Na segunda parte da ilustração, o eixo da palma da mão está voltado para frente, porém, na descrição aparece apenas “mover a mão para baixo, apontando os dedos para baixo”. Por

meio de nossas experiências pessoais, convívio com a comunidade surda e da análise deste sinal, aos 4:53 minutos do vídeo “O príncipe sapo ou Enrique de ferro”, compreendemos que a mudança no eixo da palma da mão, proposta na ilustração, não interfere no significado do sinal. Deste modo, sugerimos que a escrita do sinal DESISTIR em ELiS seja $\searrow \square \equiv \downarrow$, pois, o movimento “ \searrow ” (dobrar o punho) conduz o ponta dos dedos para baixo e o movimento “ \downarrow ” (para baixo) distancia o sinal da testa, como na descrição do sinal.

O sinal DIFÍCIL, como podemos observar a seguir, apesar de também ter como PA a testa (\equiv), não permite o uso do diacrítico de lateralidade visto que, durante sua execução, é feito em toda a parte frontal da testa.

Figura 32: Verbetes “difícil”



difícil (sinal usado em: **SP, RJ, CE, MG, MS, PR, SC, RS**) (inglês: *difficult, hard, complicated, obscure, intricate, laborious*); *adj. m. e f. Que não é fácil, que custa a fazer, que dá trabalho. Penoso. Árduo, laborioso. Complicado. Intrincado. Pouco possível; improvável. Arriscado, perigoso. Custoso de contentar; exigente. Custoso de compreender; obscuro. Ex.: A prova de matemática estava muito difícil.* (Mão em **1**, palma para baixo, lado do indicador tocando o lado direito da testa. Mover a mão para o lado esquerdo da testa, curvando e distendendo o indicador, com expressão facial contraída.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelos morfemas: 1) *Mente (Atividade Cognitiva e Intelectual)*, e 2) *Melancolia (Sofrimento - Dor - Esgotamento - Vergonha - Resignação - Tristeza - Culpa - Depressão - Embaraço)*. O morfema *Mente* com conotação negativa é codificado pela combinação entre os parâmetros *local* da sinalização (próximo à cabeça) e *expressão facial* (triste ou brava ou preocupada), como nos sinais BURRO! (OFENSA), TOLO - BOBO, BÊBADO, ESQUECIDO - ESQUECER, DISTRAÍDO - DISTRAÇÃO, PREOCUPADO - PREOCUPAR-SE, LOUCO - LOUCURA, MENTE FECHADA (RETRÓGRADO), NÃO CONHECER NADA, CONFUNDIR, DUVIDAR, CONCENTRAR-SE, DEFICIÊNCIA MENTAL, ESTRANHO, CHEIO, ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL, DERRAME CEREBRAL, IGNORANTE, e HESITAR. O morfema *Melancolia* é codificado pela expressão facial típica do sofredor, da vítima, do resignado, do coitado (cabeça baixa, sobrancelha elevada no centro da testa, cantos da boca voltados para baixo, olhos semicerrados), frequentemente acompanhada de movimentos lentos e postura flácida típicos do abatido e deprimido, voltados para baixo, com cabeça baixa, ombros caídos, costas curvadas e movimento lento e fraco para baixo, como nos sinais SOFRIMENTO - SOFRER, TRISTEZA - TRISTE, CULPA, REMORSO - ARREPENDIMENTO, SOFRER DESPREZO - SER DESPREZADO, DOR, CANSAÇO - CANSADO, EMBARAÇO - SEM GRAÇA - EMBARAÇADO, PALIDEZ - PÁLIDO, ANGÚSTIA - MÁGOA - ANGUSTIADO, PACIÊNCIA - RESIGNAÇÃO, ESQUECIMENTO - ESQUECER, FRAQUEZA - FRACO, PREGUIÇA - PREGUIÇOSO, TOLO - BOBO, FEIO - FEALDADE, MACHUCADO, e SUAR. **Iconicidade:** No sinal DIFÍCIL, a mão em **1**, com palma para baixo, e o lado do indicador tocando o lado direito da testa, se move para o lado esquerdo da testa, enquanto o indicador se curva e se distende, sendo que a expressão facial é contraída. Nesse sinal, é como se o dedo representasse o pensar que, em vez de fluir de maneira fácil, tem de se arrastar com dificuldade e esforço pela mente.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 986).

Notamos, porém, a necessidade do diacrítico de eixo da palma da mão “ \equiv ” (para medial), pois, caso contrário, a ponta do indicador estaria naturalmente para frente e não teria referência com nenhum sinal da Libras. Verificamos ainda, que a expressão facial contraída apontada na descrição aparece apenas como intensificador do sinal, sendo desnecessária seu registro. Posto isto, sugerimos que a escrita do sinal DIFÍCIL em ELiS seja $\cdot \square \equiv \leftarrow$.

No sinal PESSOA, apresentado a seguir, percebemos as mesmas peculiaridades quanto ao tratamento dos diacríticos usados no sinal DIFÍCIL, tanto no que diz respeito à orientação do eixo da palma da mão quanto à lateralidade. Neste caso também se faz indispensável o uso

do diacrítico de eixo da palma da mão “☐” (para medial), pelo mesmo motivo apresentado no sinal DIFÍCIL analisado anteriormente. Também não usaremos o diacrítico de lateralidade, pois o sinal será produzindo ao longo do PA, a testa (≡), como podemos ver a seguir:

Figura 33: Verbetes “pessoa”



 **pessoa (1)** (sinal usado em: **SP, RJ, MS, DF, CE, MG, PB, PR**) (inglês: *person, individual, human being*: s. f. *Ser humano. Homem, mulher. Personagem. Individualidade. Ex.: Não conheço a pessoa que vai falar na palestra.* (Mão horizontal aberta, palma para trás. Passar a ponta do dedo médio sobre a testa, da esquerda para a direita.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1956).

Um ponto importante a ser observado é a forma assumida pela mão na ilustração deste sinal, pois, mesmo que na descrição esteja apenas “mão horizontal aberta”, percebemos que na figura o dedo médio aparece destacado. Deste modo, a CD assumida por este sinal é “_IN”, com o dedo polegar na horizontal, indicador estendido, médio inclinado e demais dedos estendidos. Logo, a escrita do sinal PESSOA em ELiS é $_IN^{\square} \square \equiv \rightarrow$.

No sinal GRITAR, apresentado abaixo, a CD utilizada é “.77.” (dedos indicador e médio curvos e demais dedos fechados, que corresponde ao número 5 em Libras), com a mão voltada para a boca e um movimento em forma de arco para cima e para frente, representando o som sendo emitido pela boca aberta. A iconicidade do significado se faz presente em todo o sinal e é englobada em sua escrita por meio da ELiS através da palavra $.77.\square _ _ \uparrow^{\circ}$. Lembramos que as expressões faciais são escritas, em ELiS, no grupo dos movimentos e, neste caso, a boca aberta ($^{\circ}$) aparece como um diacrítico do movimento.

Figura 34: Verbetes “gritar”



gritar

(sinal usado em: **SP, RJ, CE, MS, MG, PR, RS**) (inglês: *to scream, to shout, to yell, to cry*), **grito** (inglês: *scream, shout, yell, cry*): Gritar: *v. int. Soltar gritos, brados ou berros. Falar em voz muito alta. Ex.: A*

*multidão gritava durante a manifestação. v. t. d. Bradar. Berrar. Dizer em voz alta. Ex.: O homem gritou insultos. v. t. d. i. Dizer em voz alta a alguém. Ex.: Gritou ao irmão que o deixasse em paz para viver a própria vida. Grito: s. m. Berro. Brado. Exclamação sonora forte para exprimir dor ou outras sensações, pedir socorro de pessoas distantes, ou afirmar algo enfaticamente. Ex.: Mesmo distante, podia ouvir os gritos de dor da vítima indefesa. (Mão em 5, palma para trás, diante da boca semiaberta. Mover a mão para cima e para frente.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Fala – Comunicação Oral* codificado pelo local de sinalização na região da boca. Diferentemente da comunicação por sinais, que é codificada na região do peito, a comunicação oral, via voz, é sinalizada na região da boca, como nos sinais CONTAR, DECLARAR, DEDURAR, COMUNICAÇÃO SOCIAL, DEPOIMENTO, (e por movimento para frente e para os lados a partir da boca, como nos sinais COCHICHAR, FLUÊNCIA (IDIOMAS), COMENTARISTA, DAR COM A LÍNGUA NOS DENTES, BALBUCIAR, ANÚNCIO), (ou por movimento circular em torno da boca, como nos sinais CANTAR e LER LÁBIOS - LEITURA OROFACIAL), (ou por movimento alternado entre as mãos para frente e para trás a partir da boca, como no sinal DECLAMAR). **Iconicidade:** No sinal GRITAR – GRITO, a mão fechada, com os dedos indicador e médio distendidos e curvados, diante da boca aberta, se move num arco para cima e para frente. Pode-se dizer que esse sinal é um dos que combina todos os elementos principais do morfema *Fala – Comunicação Oral*, com a mão é projetada a partir da boca aberta num movimento amplo para frente, o que o torna próximo da gestualidade mímica e pantomímica do dia a dia e faz com que seu significado seja comunicado de maneira clara. Deve-se notar a mesma articulação de mão em 5 do sinal GRITAR – GRITO está também presente no sinal ORALISMO.*

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1367).

A expressão facial “boca aberta” (®) é tratada da mesma forma na apresentação do sinal FALAR feita pelo dicionário. Porém, neste caso, não escreveremos este sinal com a boca aberta, visto que, em seu uso cotidiano e na análise do mesmo por meio do vídeo “Irmão e irmã”, que aos 1:02 minutos sinaliza FALAR com a boca fechada, percebemos que a boca aberta não influencia no significado do sinal e propomos que esta expressão facial não seja registrada.

Figura 35: Verbetes “falar”



falar (4) (recomendar) (sinal

usado em: **RJ, CE, RS**) (inglês: *to recommend, to give advice, to suggest, to remind someone to, to explain, to teach, to make understand, to exhort, to counsel, to be good friends with*); *v. t. d. i. Recomendar. Aconselhar. Sugerir. Ex.: Eu falei para ele não comprar o carro usado. (Mão em Y, palma para a esquerda, ponta do polegar tocando o queixo. Mover a mão para frente, mantendo a boca aberta.) **Etimologia. Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Fala – Comunicação Oral* codificado pelo local de sinalização na região da boca. Diferentemente da comunicação por sinais, que é codificada na região do peito, a comunicação oral, via voz, é sinalizada na região da boca, como nos sinais CONTAR, DECLARAR, DEDURAR, COMUNICAÇÃO SOCIAL, DEPOIMENTO, (e por movimento para frente e para os lados a partir da boca, como nos sinais COCHICHAR, FLUÊNCIA (IDIOMAS), COMENTARISTA, DAR COM A LÍNGUA NOS DENTES, BALBUCIAR, ANÚNCIO), (ou por movimento circular em torno da boca, como nos sinais CANTAR e LER LÁBIOS - LEITURA OROFACIAL), (ou por movimento alternado entre as mãos para frente e para trás a partir da boca, como no sinal DECLAMAR). **Iconicidade:** No sinal FALAR (RECOMENDAR) - ACONSELHAR, o sinalizador começa com boca aberta e a mão em Y, e ponta do polegar tocando o queixo; então, mantendo a boca aberta, ele move a mão para frente, representando a emissão de um conselho por meio da fala.*

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1209).

Este sinal, mantém uma iconicidade muito semelhante ao sinal GRITAR analisado anteriormente, sendo também a boca (≡) o seu PA. Logo, a escrita do sinal FALAR em ELiS é ...I□ = ⊥.

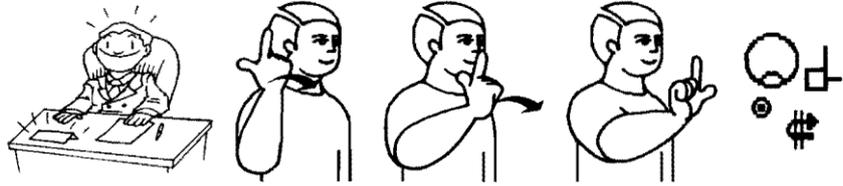
No sinal CONSEGUIR, mostrado abaixo, precisamos nos atentar a contradição entre a OP vista na ilustração e a apresentada na descrição do sinal. Na ilustração, podemos perceber

que o sinal se inicia com a OP “☐” (para a medial), ao passo que, na descrição, a OP é “☐” (para trás).

Figura 36: Verbete “conseguir”



conseguir (sinal usado em: **SP, MS, SC, RJ, RS**) (inglês: *to manage to conquer, to obtain, to achieve, to succeed in the enterprise, to acquire*); v. t. d. Alcançar. Lograr. Obter. Chegar a. Conquistar. Ter sucesso numa empreitada. Ex.: *Conseguir terminar o trabalho da escola.* (Mão em **L**, palma para trás, na lateral do rosto. Mover a mão para frente, passando a ponta do polegar no queixo e virando a palma para frente.)



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 805).

Em nossas experiências do uso cotidiano da Libras, deparamo-nos com este sinal sendo iniciado com a OP “☐” (para a medial), como nos mostra a ilustração. Além disso, a OP na medial, neste caso, proporciona melhor fluidez em uma conversa, pois permite mais rapidez no movimento e maior praticidade em executar o próximo sinal.

O dicionário apresenta como PA a “lateral do rosto”, mas não especifica qual parte da lateral do rosto receberá o contato do sinal. Em nossas experiências e na sinalização feita no vídeo “Irmão e irmã”, aos 6:30 minutos, identificamos que o PA utilizado para este sinal é a bochecha (◡◡). Por estes motivos, sugerimos que a escrita do sinal CONSEGUIR em ELiS seja $_l.\square\circ\perp^L$, com a palma para a medial e tendo a bochecha como PA.

O sinal NÃO CONSEGUIR 1, segue a mesma construção do sinal CONSEGUIR, analisado anteriormente. Sua única diferença é a incorporação da expressão facial negativa. Desse modo, o sinal será executado ao mesmo tempo em que a cabeça se move negativamente (◡). Assim, o sinal NÃO CONSEGUIR 1 será escrito em ELiS como $_l.\square\circ\perp^{L\circ}$.

Figura 37: Verbete “não conseguir 1”



não conseguir (1) (sinal usado em: **SP, RS**) (inglês: *to fail to make it, to fail to get it, not to succeed, not to get*): expressão. Falhar em alcançar ou obter algo. Ex.: *O trabalhador não conseguiu o emprego que almejava, mas ele continuará tentando enquanto se dedica aos seus estudos de aperfeiçoamento profissional.* (Fazer este sinal **CONSEGUIR**, acenando negativamente com a cabeça, com expressão negativa: Mão em **L**, palma para trás, na lateral do rosto. Mover a mão para frente, passando a ponta do polegar no queixo e virando a palma para frente.) **Etimologia.** **Morfologia:** Trata-se de sinal formado pelo morfema *Negação - Ausência*, codificado por expressão facial contraída e eventual movimento negativo de cabeça, como nos sinais NÃO PODER, NÃO SABER, NÃO TER, NÃO ENTENDER, NÃO CONHECER NADA, NÃO QUERER, NÃO GOSTAR, NÃO PRESTAR, NÃO LIGAR - NÃO VER, NÃO TER JEITO, NÃO LIGAR - NÃO DAR OUVIDOS, NÃO OUVIR, NÃO LIGAR, NÃO ENTENDER NADA. **Iconicidade:** No sinal NÃO CONSEGUIR a mão, com os dedos polegar e indicador distendidos, passa a ponta do polegar pela bochecha enquanto a cabeça balança negativamente.

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1770).

O sinal NÃO CONSEGUIR 1, assim como tantos outros sinais na Libras, também possui outra variação em uso na língua. Por ser essa uma variação muito frequente, decidimos acrescentá-la a nossa pesquisa. Se trata do sinal NÃO CONSEGUIR 2, que podemos ver abaixo.

Figura 38: Verbetes “não conseguir 2”



não conseguir (2) (sinal usado em: **SC, RS**) (inglês: *to fail to make it, to fail to get it, not to succeed, not to get*): Idem **não conseguir (1)**. Ex.: Não consegui fazer os exercícios de álgebra. (Fazer este sinal **NÃO ADIANTA**: Mão em **X** vertical, palma para a esquerda, abaixo do queixo. Passa o dorso do indicador para frente, sob o queixo, duas vezes, com expressão negativa.)

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1770).

Neste sinal, a CD “.7.” (indicador curvo e demais dedos fechados) se encontra com a palma da mão voltada para a medial (\square) em contato com a região abaixo do queixo (\equiv) e se move duas vezes para a frente (\perp), resultando na escrita .7. $\square \equiv \perp$; em ELiS. Ressaltamos que, neste caso, a expressão negativa é utilizada para enfatizar o sinal, porém, não exerce influência sobre o sinal e por isso dispensamos seu registro em ELiS.

O sinal OUTRO(A), a seguir, nos exige o uso do diacrítico de eixo da palma da mão “ \square ” (para frente), para que a mão permaneça na horizontal mesmo estando com a OP voltada para a medial (\square). Este sinal é feito no espaço neutro, que em ELiS é representado pela letra “ \square ”. O movimento realizado fica um pouco confuso na ilustração, mas a descrição confere com o sinal que produzimos em nosso cotidiano. Por esse motivo, no grupo do movimento, escrevemos o sinal movendo a palma da mão para baixo ao passo que a mesma se move para a direita (\rightarrow^L). Como resultado, temos a escrita $\perp \cdot \square \square \rightarrow^L$ para o sinal OUTRO(A) em ELiS.

Figura 39: Verbetes “outro”



outro(a) (1) (sinal usado em: **SP, CE, RS**) (inglês: *other, distinct, different, not the same; other,*

another): pron. Que não é o mesmo; diferente, diverso. Ex.: Este é outro livro. (Mão em **L** horizontal palma para a esquerda. Girar a palma para baixo e mover a mão para a direita.)

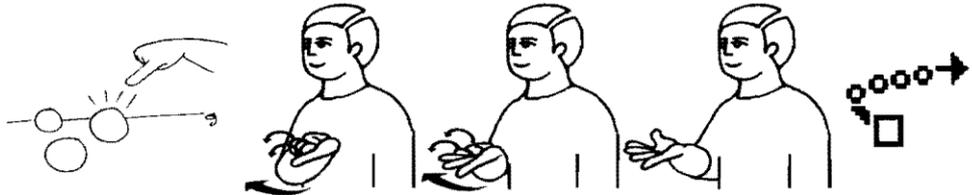
Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1856).

O sinal ALGUM também é realizado no espaço neutro (☐), mas essa não é sua principal característica. Neste sinal, iniciamos com uma CD especial “•” que é usada para indicar que todos os dedos estão fechados, como nos detalha a descrição abaixo:

Figura 40: Verbetes “algum”



algum (alguma)
(sinal usado em: **SP, PR, RJ**) (inglês: *some, any*): pron. indefinido variável m. (f.). Um (uma) entre dois (duas) ou mais. Um (uma). Qualquer. Diz-se de quantia indeterminada, mas pequena. Ex.: *Algum desses cadernos é o seu?* (Mão fechada, palma para cima, ao lado direito do corpo. Movê-la para a direita abrindo os dedos um a um, iniciando pelo mínimo.)



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 324).

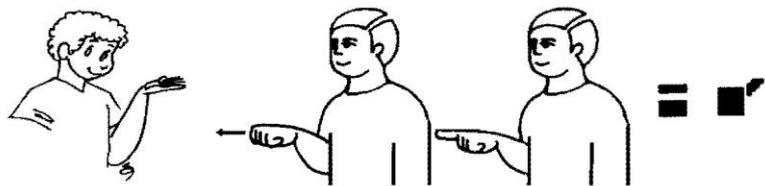
Outra particularidade desse sinal é o movimento “~” (tamborilar de dedos) que, neste caso, permite que os dedos se abram um por vez, visto que a mão se encontra fechada. Neste sinal, o ato de abrir um dedo por vez evidencia a ideia de número embutida no significado deste sinal. Assim, a escrita do sinal ALGUM em ELiS é •☐☐→^.

O sinal SE, apresentado a seguir, também é escrito com a CD “•”. Na apresentação deste sinal a palma da mão se encontra para baixo (☐), porém, no uso cotidiano da Libras e na sinalização feita aos 1:43 minutos do vídeo “Irmão e irmã”, notamos que este sinal é realizado com a palma para frente (☑).

Figura 41: Verbetes “se”



se (sinal usado em: **SP, RJ, PR**) (inglês: *if, whether, in case that, supposing that, provided that*): conj. condicional. Na oração, exprime uma hipótese ou condição necessária para que se realize ou não o que se expressa. Ex.: *Se ela passar por aqui, diga-lhe que voltarei logo.* (Mão em **S**, palma para baixo, distender o dedo mínimo.)



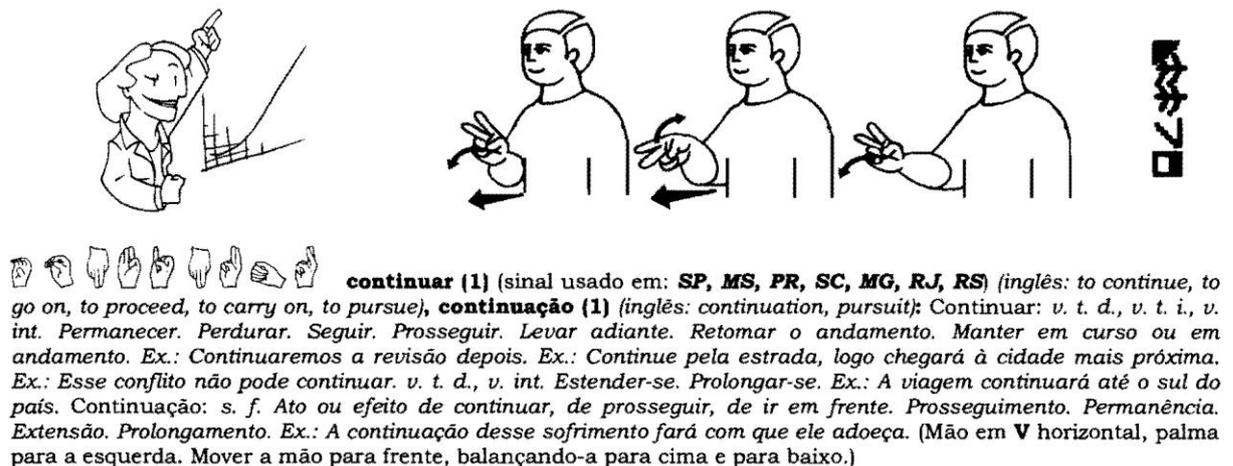
Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2236).

Na composição do sinal SE utilizamos o espaço neutro (☐) como PA e o movimento realizado é o de abrir o dedo mínimo (⌚⁵). Lembramos que, caso algum dedo realize determinado movimento e o mesmo não esteja destacado, utilizamos como recurso a enumeração dos dedos em forma de diacríticos do grupo movimento para identificar o dedo em questão. Os dedos recebem a numeração de 1 a 5, seguindo a ordem dos dedos, a começar pelo

polegar. Logo, a escrita do sinal SE em ELiS é $\cdot \square \square \perp^5$, com a palma da mão para frente e o número 5 indicando o dedo mínimo.

O sinal CONTINUAR, mostrado em seguida, é feito com a CD “.ll.” (indicador e médio estendidos e demais dedos fechados), sendo indispensável a escrita do diacrítico de eixo da palma da mão “ \square ” (para frente), para que a mão permaneça na horizontal mesmo estando com a OP voltada para a medial (\square), assim como no sinal OUTRO descrito outrora. Este sinal também é produzido no espaço neutro (\square) e a mão realiza um movimento para frente (\perp) ao passo que o punho se move repetidamente para a lateral (\leftarrow). Resultado desta construção é a palavra $\cdot ll. \square \square \perp \leftarrow$ referente ao sinal CONTINUAR em ELiS.

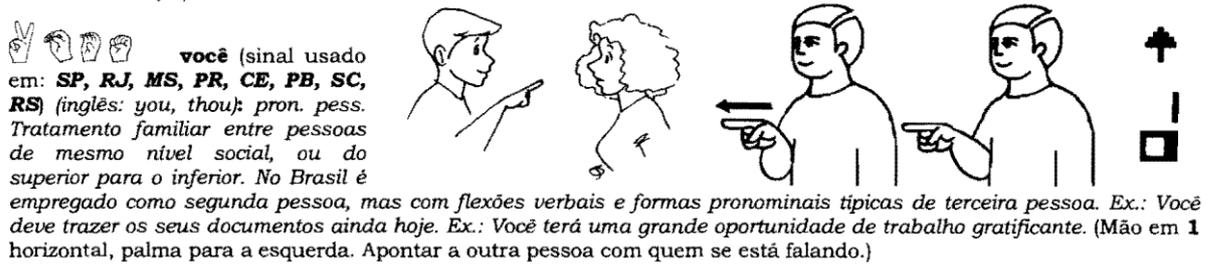
Figura 42: Verbete “continuar”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 817).

Por fim, temos o sinal VOCÊ, que é realizado com a CD “.l.” (indicador estendido e demais dedos fechados) e segue as mesmas peculiaridades quanto ao tratamento do eixo da palma da mão “ \square ” (para frente) em relação a palma da mão “ \square ” (para a medial) do sinal CONTINUAR, analisado acima. O PA utilizado é o espaço neutro (\square) e é realizado um movimento para frente (\perp), resultando na escrita $\cdot l. \square \square \perp$.

Figura 43: Verbetes “você”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 2518).

Estes foram os sinais utilizados na tradução de nossa fábula. Na próxima seção, apresentaremos o resultado da tradução e analisaremos alguns sinais não encontrados no dicionário, como classificadores e uma expressão popular.

3.3 TRADUÇÃO DA FÁBULA

O resultado de nossa pesquisa foi a tradução da fábula “A corrida de sapinhos” de autoria de Monteiro Lobato. Nesta tradução, os sinais foram escritos conforme as regras propostas ao longo de nossas análises. Os sinais que não foram encontrados no dicionário serão discutidos ao final desta tradução.

//.l.00↓ ʌ⁰θ_l←

ʌ\θ_l← _†θ_l //.l.00↓ ʌ⁰θ_l←.

ʌ⁰θ_l← //l.⁰θ_l←: _†θ_l ʌ⁰θ_l↑. _l.⁰θ_l→^l //ʌ⁰θ_l _l. ʌ⁰θ_l↑⁰
//.0_l†.

_†⁰θ_l _l //l.00↓.

//ʌ⁰θ_l _l. ʌ⁰θ_l↑⁰:

- _l.0_l↑^l! _l.0_l↑^l!

ʌ⁰θ_l← .θ_l→[^] \\\θ_l→[↓], //l.0_l† 1 //l.⁰θ_l←: ʌ⁰θ_l↑. //ʌ⁰θ_l _l. ʌ⁰θ_l↑⁰:

- .ʌ⁰θ_l↑! .ʌ⁰θ_l↑!

ʌ⁰θ_l← .θ_l→[^] \\\θ_l→[↓], _†θ_l 1 //l.⁰θ_l←: ʌ⁰θ_l↑ //_†⁰θ_l↓;
_l.⁰θ_l←[†]: //_†θ_l 0.

//.l.00↓ //l...l.##.º, _t_tº00000-0 ãº0000 \00=>↓, //l.000+ 1 ãº000↑
 _l.000000 //º00000.
 //ãº0000 _t0000://_t0000-↓º, <7000T _t000=>↓º //ãº000º //l.º0000000-
 _lº. _tº0000000-0, “_l.000000 //ãº000º?”, //t00000º ãº000000
 l.000000000.

//ãº000000-0:

.00005 l.º0000 //l.º0000: \tº0000 //l.º0000-0: //l.º0000+^: _l.º0000→
 _lº000000→ ...l.000000-0, l.º0000 //l.º0000: //l.º000000://.7.000000
 //º00000 _l.000000.

As regras básicas desta escrita em conjunto com as regras propostas em nossa pesquisa culminaram em uma tradução clara e fluida como visto acima. Para melhor compreensão da fábula, utilizamos dois classificadores e uma expressão popular (adaptada para a cultura surda) que serão discutidos a seguir.

Não encontramos no dicionário os classificadores necessários para a nossa tradução devido às características inerentes a este grupo de sinais, visto que “os mesmos incorporam uma semelhança com a forma ou tamanho do objeto a ser referido, podendo compor o objeto/ser como um todo ou apenas a uma parte ou característica essencial deste” (OLIVEIRA, 2014, p. 35), o que leva a inúmeras formas de sinalização para um mesmo referente.

Exemplo disso é o classificador de SUBIR, que comporta um vasto leque de possibilidades a depender de seu referente. No caso de nossa fábula, o referente é o sapo, protagonista da história. Sabendo das características deste animal e da forma como estão incorporadas no sinal que o representa, precisamos transferir todo este conjunto de significados para o classificador que irá personificar a forma como um sapo sobe um morro.

Como descrito durante a análise do sinal SAPO, a CD utilizada para este sinal é “ãº”, pois permite que a mão permaneça em formato de “concha” incorporando assim, a forma do animal. Outra característica que mostra a iconicidade deste sinal são os movimentos que configuram o seu deslocamento, os saltos, que são registrados por meio do diacrítico de contato intermitente indefinido no espaço neutro (☐). Este diacrítico, como vimos, permite combinar o movimento “para frente” e “para cima” (↓↑) com pequenas pausas no espaço. Assim, produzimos um movimento em forma de pequenos arcos que se movem para frente e para cima, simulando os saltos de um sapo subindo em algo. Deste modo, sugerimos que o classificador usado para representar a subida do sapo ao morro seja ãº000000↑.

Comportando estas mesmas características referentes ao sinal SAPO, nos propomos a escrever um classificador que represente os sapos que estão sentados na plateia assistindo a corrida. Em primeiro lugar, nos preocupamos com a posição da arquibancada. Por se tratar de uma corrida, imaginamos a pista de corrida ao centro e a arquibancada disposta nas laterais. Como a plateia também é formada por sapos, propomos que os mesmos estejam sentados, um ao lado do outro e voltados para o centro, onde ocorre a corrida. Logo, a palavra que engloba todas essas características é $\text{//}\text{A}^{\square}\text{B}\text{C}\text{D}$.

Em nossa tradução, utilizamos ainda a expressão popular “entrar por um ouvido e sair pelo outro”, para traduzir a passagem “seja surdo aos apelos negativos”, visto que essa expressão nos permite transmitir a ideia de não prestar atenção / ignorar. Na comunidade surda, porém, essa expressão é feita de outra forma. Como os surdos “ouvem” pelos olhos, nós sinalizamos “olho jogar fora” para designar o mesmo significado inerente à expressão popularmente utilizada.

Para a escrita do sinal “OLHO JOGAR FORA” em ELiS, iniciamos com os dois indicadores tocando a maçã do rosto, seguido de um movimento para frente ao mesmo tempo em que os dedos são flexionados na segunda articulação ($\text{//}\text{.}\text{I}.\text{B}\text{C}\text{D}$). Esta primeira parte do sinal transmite a ideia de algo sendo tirado dos olhos. Logo em seguida, as mãos que ainda se encontram com os indicadores flexionados são direcionadas para as laterais da cabeça com um movimento para trás enquanto os dedos são estendidos ($\text{//}\text{.}\text{G}.\text{B}\text{C}\text{D}$). Nesta segunda parte, as mãos, estando em posse daquilo que foi arrancado dos olhos, se movem para trás, arremessando aquilo para o passado. Como resultado, temos a palavra $\text{//}\text{.}\text{I}.\text{B}\text{C}\text{D} \text{ : } \text{//}\text{.}\text{G}.\text{B}\text{C}\text{D}$ para a escrita desta expressão em ELiS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou identificar e teorizar as regras ortográficas da ELiS, analisando a eficácia desta escrita e propondo novas regras para seu melhor funcionamento. Para tanto, optamos por fazer a tradução da fábula “A corrida de sapinhos”, de autoria de Monteiro Lobato, pois nos permitiria utilizar sinais de uso cotidiano e, possivelmente, elementos da cultura surda.

Nosso principal suporte para verificação do padrão de sinalização foi a 3ª edição do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua brasileira de sinais – Libras (Novo DEIT-Libras). Neste dicionário, os sinais são descritos conforme sua produção, tendo por objetivo que seus usuários entendam como o sinal é executado. Por esse motivo, em alguns momentos nos esbarramos com a relação entre fala e escrita e utilizamos de nossas experiências pessoais, convívio com a comunidade surda e os vídeos dispostos na BiblioLibras para discernir qual seria a forma mais clara e simples para registro dos sinais em ELiS.

Como base ortográfica para nossas análises, utilizamos as regras grafotáticas apresentadas por Barros (2015) e as análises dos sinais com mão de apoio realizadas por Camargo (2017). Aqui, um dos embates que encontramos foi a diferença entre a nomenclatura “mão aberta” empregada no dicionário e as várias possibilidades de utilização desta “mão aberta” em ELiS, prevalecendo em nossa pesquisa a forma equivalente de sinalização em ELiS.

A escolha por uma fábula nos proporcionou formar um corpus com sinais de diversos tipos e em variados contextos. Além disso, nos possibilitou a escrita de classificadores e de uma expressão popular adaptada pela comunidade surda. Essa expressão foi de grande importância em nossa pesquisa, pois uma de nossas expectativas na escolha da fábula foi a possibilidade de encontrarmos traços da cultura surda e investigar como estes traços seriam reportados em ELiS.

A ELiS se mostrou suficiente para o registro de todos os sinais que integram nossas análises. Porém, para padronização da ELiS e um melhor processamento de leitura e escrita, precisamos de regras que viabilizem a memorização de grupos de visografemas compartilhados por diversos sinais em contextos específicos, ou seja, uma padronização baseada em fatos observados na língua.

Nossa pesquisa é a primeira a se ocupar deste tipo de análise, investigando pontos em comum nos diversos sinais encontrados e propondo uma padronização não só na escrita de um sinal, mas de fatos frequentes na língua. Um dos resultados obtidos foi a constatação da anatomia do polegar presente em diversos sinais, que se justifica pelo fato de o polegar na horizontal (–) ser a forma que mais se aproxima de sua posição de repouso. Com essa simples regra conseguimos diminuir significativamente a variação na escrita de muitos sinais e proporcionamos maior fluidez na leitura, devido à flexibilidade do polegar em se adequar à configuração do próximo sinal no decorrer da leitura de um texto.

Identificamos também que, em muitos dos sinais realizados com a(s) mão(s) aberta(s), havia uma tendência para a escrita dos demais dedos unidos (†), independente da forma assumida pelo polegar. Percebemos que este fato era óbvio nos casos em que a mão aberta (seja ela ativa ou passiva) estava em contato com alguma parte do corpo. Assim surgiu a “regra da mão em contato”, que nos permitiu a padronização da escrita dos sinais que possuem esta característica e nos possibilitará relacionar novas palavras com este padrão. Deste modo, formaremos um léxico ortográfico que nos proporcione fluidez no processamento mental de leitura e escrita como ocorre com as escritas de línguas orais conforme descrito por Fayol (2014).

Observamos ainda, três exceções para a “regra da mão em contato”. A primeira relacionada ao movimento “↯” (tamborilar de dedos), pois exige que os dedos da mão estejam separados. A segunda diz respeito aos casos em que o contato do sinal for feito no intervalo entre os dedos (☒), assim, a mão que carregar esse PA deverá estar com os demais dedos separados. Por fim, nos casos em que a separação dos demais dedos influenciar diretamente no significado do sinal, como aqueles sinais que tem por característica a incorporação de números, pois estes são feitos com os dedos separados e não unidos.

Propomos também que sinais soletrados com as duas mãos sejam tratados da mesma forma que um sinal bimanual simétrico, devendo ser iniciado pelo sinal gráfico “//”. Essa proposta se fundamenta devido a todos os visografemas soletrados serem compartilhados pelas duas mãos.

Enfatizamos que esta é a primeira pesquisa com este foco e ainda carecemos de mais regras ortográficas para a ELiS. Exemplo disso, são os casos em que a(s) mão(s) aberta(s) não têm contato com o corpo. Contudo, iniciamos aqui um campo para futuras pesquisas sobre regras ortográficas para a ELiS, destacando a importância destas regras para a padronização da escrita e possibilidade de novas pesquisas linguísticas acerca dos fenômenos das LS.

Harmonizando com a nossa proposta de ofertar um material para o ensino da ELiS, deixamos aqui a tradução da fábula “*A corrida de sapinhos*”, o uso da ELiS em vários tipos de sinais e novas propostas de regras ortográficas que nos auxiliarão no processo de ensino e aprendizagem desta escrita.

Esperamos que nosso trabalho possa motivar novas investigações sobre as regras ortográficas para a ELiS e que a partir dele os professores e usuários da ELiS possam ter esse suporte teórico. Proporcionando, assim, maior visibilidade e valorização tanto das LS quanto da ELiS.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. E. **ELiS** – escrita das línguas de sinais: proposta teórica e verificação prática. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. **ELiS** – escrita das LS. (manuscrito). Goiânia, 2014.

_____. **ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

_____. **O uso da ELiS para a apresentação de dados em línguas de sinais**. (manuscrito). Goiânia, 2015.

_____. **Princípios básicos da ELiS**. Revista sinalizar. V.1, n.2, p. 2004-2010, 2016.

BAUSSIÉ, S. **Pequena história da escrita**. Tradução de Marcos Bagno. 1.ed. São Paulo: SM, 2005.

BIBLIOLIBRAS. **Irmão e irmã**. Disponível em: <http://www.bibliolibras.com.br/acervo/irmaos-grimm/irmao-e-irma/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

BIBLIOLIBRAS. **O príncipe sapo ou Enrique de ferro**. Disponível em: <http://www.bibliolibras.com.br/acervo/irmaos-grimm/o-principe-sapo-ou-henrique-de-ferro/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

CAGLIARI, L. C. **A história do alfabeto**. São Paulo: Paulistana, 2009.

CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola: Ipol, 2007.

_____. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARGO, V. A. **Contextos ortográficos do sistema ELiS:** sinais com mão de apoio. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras: Libras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo DEIT-Libras.** Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira. Vol. 1 e 2. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2013.

FAYOL, M. **Aquisição da escrita.** Trad. Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita.** Tradução de Marcos Marcionilo. 10.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

JANSON, T. **A história das línguas:** uma introdução. Trad. Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAN, J. **A história do alfabeto:** como 26 letras transformaram o mundo ocidental. Trad. Edith Zonenschain. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAIS, A. G. **Ortografia:** este peculiar objeto de conhecimento. In: O aprendizado da ortografia. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-19.

MORAIS, A. G. **Ortografia:** ensinar e aprender. 4 ed. São Paulo: Ática, 2001.

OLIVEIRA, J. G. **Escrita de classificadores em ELiS:** análise lexical. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras: Libras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira estudos linguísticos.** 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, M. B. **Leitura, ortografia e fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SCLIAR-CABRAL, L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

STUMPF, M. R. **A estrutura do sistema SignWriting**. (manuscrito). Florianópolis, 2008.

SUTTON, V. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para Língua de Sinais. Tradução parcial e adaptação do Inglês/ASL para português LIBRAS de Marianne Rossi Stumpf. (manuscrito). Florianópolis, [1998].

TRINDADE, A. P. P. **A evolução histórica da escrita e sua importância na formação do sujeito**. Associação de vários fatores para uma ação coordenada, São Paulo, Sinergia (CEFETSP), v. 7, n. 1, p. 20-23, jan/jun. 2006.

VIEIRA, L. **Os riscos da língua**: oralidade e escrita, aspectos históricos da expressão gráfica, regras de ortografia da língua portuguesa. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)**. 145 f. Dissertação. (Mestrado em semiótica e linguística geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.